UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE PEDAGOGIA

TAINÁ SILVA SANTOS

“TER PELE ESCURA É SER ISMÁLIA” A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA COMO FERRAMENTA DE EMPODERAMENTO INFANTIL: PRÁTICAS DE UMA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS.

ERECHIM
2024

TAINÁ SILVA SANTOS

“TER PELE ESCURA É SER ISMÁLIA” A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA COMO FERRAMENTA DE EMPODERAMENTO INFANTIL: PRÁTICAS DE UMA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. O Dr. Halferd Carlos Ribeiro Junior

ERECHIM

2024

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Santos, Tainá Silva
TER PELE ESCURA É SER ISMÁLIA: A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA COMO FERRAMENTA DE EMPODERAMENTO INFANTIL: PRÁTICAS DE UMA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS. / Tainá Silva Santos. -- 2024.
67 f.:il.
Orientador: Halferd Carlos Ribeiro Junior Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em Pedagogia, Erechim,RS, 2024.

1. Racismo, Educação antirracista e Educação para as relações étnico-raciais.. I. Ribeiro Junior, Halferd Carlos, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

TAINÁ SILVA SANTOS

“TER PELE ESCURA É SER ISMÁLIA” A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA COMO FERRAMENTA DE EMPODERAMENTO INFANTIL: PRÁTICAS DE UMA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 28/06/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Halferd Carlos Ribeiro Junior (Orientador)

Prof. Dr. Renan Santos Mattos (Avaliador UFFS)

Prof.ª Dr.ª Isabel Rosa Gritti (Avaliadora UFFS)

(...) Com a fé de quem olha do banco a cena
Do gol que nós mais precisava na trave
A felicidade do branco é plena
A pé, trilha em brasa e barranco, que pena
Se até pra sonhar tem entrave
A felicidade do branco é plena
A felicidade do preto é quase.
(Ismália-Canção de Emicida)

AGRADECIMENTOS

Sempre fui sonhadora, desde muito cedo fantasiava viver o futuro com brilho nos olhos. Ao me aproximar da sala de aula, revivi meu passado, confrontei meus medos e me fiz presente depois de muito tempo, vendo ali a possibilidade de mudar e ser eu mesma.

Primeiramente, quero agradecer ao meu pai, Orlando Raimundo dos Santos, que, mesmo incapaz de escrever o próprio nome, me apoiou do seu jeito sendo só nós dois. O meu diploma é seu!!

Agradeço também aos amigos que estiveram próximos e aos que me acompanharam de longe.

Agradeço a todos que tiveram comigo, no âmbito acadêmico através de projetos/programas que contribuíram para minha formação, como: o Programa de Iniciação à Docência (PIBID), Programa Residência Pedagógica (PRP) Poesia mais ou menos e PED ART na UFFS.

Agradeço aos professores que me acolheram como família, em especial, ao professor Halferd Carlos Ribeiro Júnior, por ter tido paciência e apoiado minhas ideias.

Agradeço aos meus companheiros, meus pequenos, meus alunos/as que me mostram todos os dias o que é ser humano, tornando todo meu percurso mais afetuoso e significativo: meu lugar de apreedizado.

Por fim, agradeço a pequena Tainá que de muito que foi se passado, teve forças e certeza de que poderia chegar onde quisesse.

“Para cultura Iorubá, ancestralidade é passado, presente e futuro. Então, celebremos as crianças” (França, 2020).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo central analisar a Educação antirracista a partir de um conjunto de práticas desenvolvidas com crianças de 3 a 6 anos em um contexto de ensino não formal, localizado em um bairro periférico de Erechim/RS. Tem o alicerce na abordagem narrativas de trajetórias, visto que é um diálogo de resistência e ancestralidade, em que me aproprio do passado a fim da construção do futuro. O estudo busca identificar como práticas voltadas para as relações étnico-raciais podem contribuir significativamente para a valorização da identidade e o empoderamento de crianças negras em contextos educacionais. Observou-se que as crianças negras começaram a se identificar como parte do povo negro, o que representa um elemento importante no trabalho. Ao utilizar a Educação antirracista, promove-se a construção de laços de pertencimento dos negros com sua história.

Palavras chaves: racismo; educação antirracista; e educação para as relações étnico-raciais.

ABSTRACT

The main objective of this paper is to analyze anti-racist education through a set of practices developed with children aged 3 to 6 in a non-formal educational context located in a peripheral neighborhood of Erechim/RS. It is based on the narrative trajectories approach, as it is a dialogue of resistance and ancestry, where I draw on the past to build the future. The study aims to identify how practices focused on ethnic-racial relations can significantly contribute to the appreciation of identity and empowerment of black children in educational contexts. It was observed that black children began to identify themselves as part of the black community, which represents an important element of the work. By utilizing anti-racist education, the construction of a sense of belonging between black people and their history is promoted.

Keywords: racism; anti-racist education; education for ethnic-racial relations.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Amostra do levantamento dos trabalhos da CAPES 29
Quadro 2 - Títulos de livros e autores 30
Quadro 3 - Prática 1: O Coração do Baobá (Agosto/2023) 33
Figura 1 - Processos 36
Figura 2 - Baobá Finalizado 36
Figura 3 - Leitura realizada 36
Figura 4 - Construção do Baobá 37
Figura 5 - Criança exibindo sua escultura 37
Figura 6 - Colocando as folhas 37
Figura 7 - Produção em grupo 37
Figura 8 - Baobá com galhos 37
Quadro 4 - Prática 2: Onde estão nossos heróis? (Setembro/2023) 39
Figura 9 - Malcolm contando a história aos colegas 41
Figura 10 - Colorindo Zumbi 41
Figura 11 - Realização da proposta 42
Figura 12 - Colorindo as releituras 42
Figura 13 - Finalizando o desenho 42
Figura 14 - Desenho FInalizado 42
Figura 15 - Dandara Finalizada 43
Figura 16 - Contação de História 43
Figura 17 - Leitura realizada 43
Quadro 5 - Prática 3: Abayomi, aquela que traz alegria. (Outubro/2023) 44
Figura 18 - Explicando a proposta 46
Figura 19 - Confecção das bonecas 46
Figura 20 - Confecção das roupas 47
Figura 21 - Processo de montagem 47
Figura 22 - Leitura Realizada 47
Figura 23 - Processo de montagem 47
Figura 24 - Abayomi finalizada 48
Quadro 6 - Prática 4: Esculturas africanas. (Novembro/2023) 49
Figura 25 - Modelando a argila 51
Figura 26 - Criação 51
Figura 27 - Quem sou eu? 52
Figura 28 - Exibição das esculturas 52

Figura 29 - Escolhas 52
Figura 30 - Escolhas 52
Figura 31 - Reconhecendo-se 53
Figura 32 - Observando a leitura 53
Figura 33 - Leituras Realizadas 53
Quadro 7- Prática 5: Tranças e resistência afro. (Dezembro/2023) 55
Figura 34 - Roda de conversa 57
Figura 35 - Contação de história 57
Figura 36 - Apresentação 57
Figura 37 - Momento das tranças 57
Figura 38 - Trança finalizada 58
Figura 39 - Espaço organizado para a proposta 58
Figura 40 - Representatividade 59

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO - LUGAR DE FALA - O MEDO DE SER EU: EU NÃO SOU PRETA..... 12
1.1 RACISMO E INFÂNCIA..... 16
2. REVISÃO DE LITERATURAS - GRITOS SEM RESPOSTAS: EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA, CRIANÇA, RESISTÊNCIA E ANCESTRALIDADE..... 19
3. CAMINHO PERCORRIDO: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....27
3.1 UMA BREVE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....28
3.2 NARRATIVAS DE VIDA: TRAJETÓRIAS DE EMPODERAMENTO NA PESQUISA QUALITATIVA..... 30
4. ANÁLISE DAS PRÁTICAS ANTIRRACISTAS - ORGANIZAÇÃO E PROCESSOS..... 32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS, PORÉM NEM TÃO FINAIS: REENCONTROS, AFETOS E LUTAS..... 60
6. CÉU POÉTICO: ASSIM, DESTINADO ESSE PROCESSO AQUELES QUE ME FIZERAM VIVA, AOS QUE DEDICO TODA MINHA FORÇA E LUTA: AS CRIANÇAS.....64
REFERÊNCIAS..... 65

1. INTRODUÇÃO - LUGAR DE FALA - O MEDO DE SER EU: EU NÃO SOU PRETA

Me chamo Tainá Silva Santos. Meu sobrenome já diz muitas coisas, filha de empregada doméstica e pai que hoje trabalha de jardineiro. Cresci em um bairro, afastado, chamado Jardim Brasil, na cidade de Indaiatuba/SP, onde o transporte até o centro leva cerca de uma hora. Muitas pessoas que se dirigem para lá costumam dizer "estou indo para a cidade", como se o bairro não fizesse parte dela.

Acredito que minha trajetória escolar não foi diferente de tantas outras crianças, estudei em uma escola de bairro, e o ensino era o que dava para ter, porém sempre fui uma aluna esforçada em atingir minhas notas. Em todo meu período escolar, enfrentei diversos desafios relacionados à escrita e a forma em que os professores a colocavam nas propostas pedagógicas, era como se algo essencial estivesse ausente e nada ali refletia minha realidade.

Nesse sentido, quando se propunha escrever uma redação sobre as férias, me sentia totalmente perdida, já que as minhas férias eram sempre as mesmas, não tinha condições de viajar, não tínhamos piscina, nem ganhava presentes sempre, assim como algumas crianças contavam e consequentemente, eu, a maioria das vezes, inventava histórias, para ser aceita e ter amigos/as já que a professora fazia questão de nos colocar à frente da sala para apresentar a turma e apontar cada “erro”.

Enxergava minhas escritas como algo sem sentido, em relação às propostas colocadas pela escola, como algo desigual a outras crianças. Esse é um sentimento que eu tenho sobre o passado.

Foi aí que eu conheci a poesia, me lembro que tinha por volta dos meus dezesseis anos e estava vendo um vídeo de uma moça recitando em um Slam o poema “ Fragmentos”. O fato é que eu já escrevi alguns versos mas não com tal potência que enxerguei naquela mulher contando a realidade, a maioria das vezes tão mascarada[1].

---

[1] Poetry slam, ou simplesmente slam, pode ser definido de diversas formas.Refere-se a espaços destinados ao entretenimento, livre expressão e uma competição.

Após isso, decidi escrever mais, despejei todo sentimento em folhas soltas e comecei a recitar minhas poesias autorais, como gritos, em busca de uma identidade, foi como dizer: eu estou aqui!

Quando realizava tais propostas relacionadas à escrita no exemplo de dissertar sobre as férias, o texto era aceito, mas ao mesmo tempo criticado por erros ditos pela professora, em relação às poesias autorais nem isso.

Porém, tal incômodo relacionado à escrita prosseguiu mesmo após ingressar no ensino superior onde me deparei com a escrita acadêmica. Nesse momento, me encontrei totalmente perdida em minhas próprias narrativas, uma vez que meus saberes eram totalmente distintos daqueles que eram exigidos e não conseguia me ver representada. Além de me achar totalmente não digna de receber essa educação e conhecimento que sempre esteve tão longe da minha realidade.

Pois, o que ninguém te conta é o baque enorme que é sair de uma escola pública com um ensino de baixa qualidade e ingressar em uma universidade. O meu sentimento maior sempre foi de corrida e, mesmo que tente me destacar ou acompanhar os demais, foi extremamente difícil.

Em diversos momentos pensei em desistir, envergonhada por não compreender questões básicas, com medo de perguntar e acabar sendo julgada uma vez que inúmeras questões que surgiam, eu jamais havia ouvido falar em meu processo educacional, essas experiências resultaram em diversas crises de identidade além de uma não identificação com esse espaço.

Com o passar do tempo , acabei envolvendo-me em alguns projetos dentro da universidade, como o Ped Arte na UFFS, projeto que visava trazer cultura, diversas e muita arte para dentro da instituição, onde trabalhei com diversos convidados da cidade de Erechim, abordando temas como poesia, grafite, rap, pintura entre outras expressões livres. Os encontros tinham como objetivo criar um ambiente inclusivo.

Minha ideia sempre foi abrir as portas da universidade para públicos de bairros e periferias, apresentando a eles esse espaço onde se sentissem aceitos, em contraponto ao cenário que muitas vezes os exclui.

Outro projeto ao qual me dediquei como voluntária foi o "Poesia Mais ou Menos", voltado para adolescentes moradores de um bairro de quebrada[2], em um

[2] “Bairro de quebrada" refere-se a um termo muito utilizado na região de São Paulo, que se relaciona a regiões periféricas.

espaço de educação não formal, o objetivo era dar voz àqueles que vivem à margem da sociedade, buscando sempre promover a dignidade e valorização de suas identidades, cultivando o orgulho de ser quem são. Este trabalho era conduzido com ênfase na poesia e literatura marginal, como formas de expressão autênticas e potentes.

Eu como uma mulher negra que se reconheceu em torno dos meus vinte e um anos, me lembro que durante minha infância em meu período escolar, não vivenciei algo que me representasse nas literaturas, nas histórias contadas, nos desenhos, nos filmes e até mesmo nas conversas que permeavam o ambiente.

Onde as narrativas frequentemente retratavam princesas com características que não se assemelhavam à minha própria identidade racial, que eu não compreendia plenamente na época pelo fato de me enxergar simplesmente como uma criança feia e inadequada. Afinal, todas as princesas eram lindas, de cabelos lisos e longos, e pele clara, os personagens negros eram raros e geralmente retratados de forma negativa, sempre inferiores aos brancos, como mordomos, faxineiras, preguiçosos, além de agressivos e aparentemente incapazes de receber elogios ou afeto.

Passei um enorme tempo da minha vida tentando me “branquear”, moldada em padrões que a sociedade me impõe, buscava constantemente modelos que refletissem e validassem meu próprio corpo, sempre que me olhava no espelho, não me gostava e na verdade eu também gostaria de ser uma princesa.

Quase sempre alvo de apelidos e frases como "cabelo ruim" ou "cabelo de bombril", o que algumas vezes impedia de brincar e estar com outras crianças pelo simples fato de me sentir suja perto delas. Como resultado, estava a maioria do tempo sozinha, criando barreiras e escudos que me transpassam até hoje, o peso de experiências e vivências silenciadas, guardadas que resultaram em traumas, deixando cicatrizes profundas em minha infância, uma infância totalmente roubada, permeada em uma profunda tristeza e uma sensação de perda e não pertencimento.

Quando me deparei pesquisando sobre Educação Antirracista, foi como se voltasse ao passado e revivesse cada passo dado e me enxergasse em cada criança desejando resgatá-la, assim como eu gostaria de ter tido alguém que fizesse o mesmo comigo.

Essa pesquisa, portanto, me atravessa enquanto gente e enquanto educadora em construção. É parte de mim, da minha história, e é a contribuição que

quero deixar nesse momento final de formação inicial. Dito isso, a seguir, apresentarei o trabalho no que se refere aos seus objetivos e o caminho percorrido para realizá-lo.

1.1 RACISMO E INFÂNCIA.

Devido aos efeitos prejudiciais do racismo estrutural[3], a infância, que é entendida como um período único, infelizmente não é um direito garantido igualmente a todas as crianças. Além disso, a implantação de práticas que abordam o racismo vivido pelas crianças negras tem se revelado difícil, uma vez que muitos educadores não se preocupam em fazê-lo de forma adequada.

Esse vazio na educação reflete diretamente na perpetuação das desigualdades raciais, privando as crianças negras de um ambiente escolar seguro em que se sintam valorizadas e respeitadas em seu corpo-identidade.

É evidente que a escola pode ser um ambiente de opressão e preconceitos, propagando estereótipos enraizados na sociedade, como o racismo. Conforme Gomes (2023, p. 03),

> A escola, enquanto instituição social responsável pela organização, transmissão e socialização do conhecimento e da cultura, revela-se como um dos espaços em que as representações negativas sobre o negro são difundidas. E por isso mesmo ela também é um importante local onde estas podem ser superadas.

A identidade negra é entendida como uma construção histórica pelas relações que se dão nos grupos em que os indivíduos estão inseridos. Nesse caso, em uma sociedade em que os lugares de poder são geralmente ocupados pela branquitude, até que a criança se enxergue, ela procura padrões para cultivar seu amor próprio. Gomes (2003, p. 171), “construir uma identidade negra positiva em uma sociedade

---

[3] No Brasil, o Estado recorreu ao racismo para construir uma identidade nacional baseada na miscigenação. Na verdade, essa “construção da identidade nacional” foi pano de fundo para um branqueamento da população, uma vez que o projeto de edificações de uma imagem negativa da pessoa negra constitui os primórdios das relações sociais no país. Como um país que foi contrido a partir da mão de obra de negras e negro escravizadas/os e que depois da abolição foram abandonadas/os á propria sorte, o Brasil teve como estrutura ideologica de sua cultura a magem da pessoa negra como alguém desprovido de beleza estetica, material e moral. Pinho(2020,p.40).O racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos e não apenas um ato isolado de um indivíduo. É uma estrutura que perpetua os privilégios dos brancos, mantendo-os constantes, enquanto marginaliza e desvaloriza aqueles que não são brancos. No mais, o racismo não é apenas formado por atitudes individuais, formadas pela ideia de “raça” utilizada para determinar como características físicas como por exemplo cor da pele e tipo de cabelo influenciam no lugar social que determinado grupo terá. Com o intuito de hierarquizar pessoas, como forma de manutenção de poder. O racismo está enraizado nas estruturas sociais, instituições e até mesmo nas tecnologias que moldam a sociedade, afirmando sempre que as pessoas bonitas são outras, fomentando injustiças e opressões, é um termo que descreve a maneira pela qual as instituições, políticas e práticas sociais perpetuam e reforçam a desigualdade racial de forma estruturada e clara.

que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros".

Além disso, as crianças negras frequentemente não encontram possibilidades de fugir da realidade enfrentada. Visto que, a sociedade acaba massificando uma única história, de dor e sofrimento onde muitas vezes as crianças negras acabam internalizando essa dor causada pela desigualdade racial, enquanto as crianças brancas desfrutam livremente de seus privilégios, vivenciando em seu lugar de poder em sociedade. "A falta de reflexão sobre o tema se torna um alicerce da divisão social existente há séculos, fomentando um contexto racista e opressor" Ribeiro (2019).

Para mais, isso acontece principalmente por causa da falta de recursos pedagógicos apropriados, práticas inclusivas e professores capacitados. Esses fatores são essenciais para o reconhecimento das crianças como protagonistas e produtoras de suas próprias experiências e culturas.

> Cabe ao educador e à educadora compreender como os diferentes povos, ao longo da história, classificaram a si mesmos e aos outros, como certas classificações foram hierarquizadas no contexto do racismo e como este fenômeno interfere na construção da auto-estima e impede a construção de uma escola democrática. É também tarefa do educador e da educadora entender o conjunto de representações sobre o negro existente na sociedade e na escola, e enfatizar as representações positivas construídas politicamente pelos movimentos negros e pela comunidade negra (Gomes, 2023 p. 03).

A educação precisa ser um instrumento de transformação, ao lutar para romper discriminações permitindo a formação de uma sociedade capaz de reconhecer injustiças e propor mudanças, por conseguinte é preciso que essa mesma educação seja revista e reformulada para abordar e corrigir desigualdades sociais e preconceitos. Para além, a criação de um ambiente acolhedor que ampare a todos/as, visto que é na escola que as crianças passam a maioria do seu tempo. "Entretanto, quando a Educação não proporciona as ferramentas necessárias, ao invés lutar contra a opressão, os não representados podem acabar internalizando as visões de mundo dos opressores" (Freire, 1987 p. 5).

Assim sendo, a pesquisa se justifica diante dos enormes desafios ainda presentes na sociedade. Que a "igualdade" muitas vezes mencionada, não é válida

para a comunidade negra no Brasil. O que podemos notar referenciando a diversidade das infâncias que são tratadas com um viés de padronização, seguindo apenas padrões ocidentais, ignoramos a diversidade étnico-cultural além de vivências individuais das crianças, criando a ideia de uma única história e uma infância igual para todas.

Uma vez que, é claro que não existirá uma história única, “É impossível falar sobre uma história única sem falar em poder’’ (Adichie, 2009, p. 15). Visto que quem detém o poder a contém por meio de seus ideais e interesses, colocando-se no centro e mascarando os eventos e ações reais e assumindo ser os verdadeiros "herois".

Esta ideia é mostrada claramente quando retratam e recontam os "grandes" clássicos literários, que transpassam gerações propagando um padrão burguês e branco. Tragicamente, isto pode levar a uma hierarquia, usada para colocar algumas pessoas acima de outras, delimitando seu lugar social pela cor da pele.

Nesse contexto, o presente trabalho se estabelece com o propósito de mostrar como as práticas educacionais podem ir além de simplesmente permitir a presença de crianças negras em contextos educacionais, mas dar às mesmas o poder de existir e se ver representadas nessa etapa primordial da sua vida, além do objetivo que é apresentar um relato e reflexões acerca de um conjunto de práticas educativas realizadas com crianças de idade entre 3 e 6 anos em espaço não formal de ensino, em que teve como perspectiva a implantação de uma Educação Antirracista das relações etnico-raciais, realizadas entre agosto e dezembro de 2023.

Diante disso, este trabalho busca aprofundar reflexões ao analisar práticas pedagógicas, fundamentadas na minha própria infância e em trajetórias semelhantes às das crianças no espaço de estudo. Esse processo estabelece um diálogo contínuo entre essas experiências. Como Kilomba (2020, p. 28) afirma, "Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político".

2. REVISÃO DE LITERATURAS - GRITOS SEM RESPOSTAS: EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA, CRIANÇA, RESISTÊNCIA E ANCESTRALIDADE.

No decorrer desta sessão, abordaremos autores e referências que têm contribuído significativamente para a pesquisa sobre Educação Antirracista. Através de um diálogo enriquecedor, exploraremos as ideias e perspectivas de estudiosos como Djamila Ribeiro (2019), Nilma Lino Gomes (2018), Cida Bento (2022), Conceição Evaristo (2020), Santiago (2015), Cavalleiro (1999), entre outros. Tais obras e pensamentos oferecem uma base teórica sólida e reflexiva acerca do debate antirracista.

É pretinente ressaltar a necessidade de compreender como o racismo está enraizado na sociedade desde os tempos da escravidão, nunca foi algo de agora ou uma relação sem intenção. É assim necessário a reflexão como essa estrutura continua a direcionar as relações sociais e econômicas até os dias de hoje.

> O primeiro ponto a entender é que falar sobre racismo no Brasil é, sobretudo, fazer um debate estruturado. É fundamental trazer a perspectiva histórica e começar pela relação entre escravidão e racismo, mapeando suas consequências. Deve-se pensar como esse sistema vem beneficiando economicamente por toda a história a população branca, ao passo que a negra, tratada como mercadoria, não teve acesso a direitos básicos a distribuição de riquezas (Ribeiro, 2019 p. 9).

Tal afirmação destaca a enorme desigualdade histórica entre a população branca e negra fruto de um sistema escravocrata que beneficiou uma só população, a branca. Essa situação persiste nos dias atuais, onde os resquícios da escravidão continuam presentes, determinando os lugares de poder na sociedade.

Segundo Áries, (1981 p. 40) “[...] a infância era um período de transição logo ultrapassado, e cuja lembrança também era logo perdida”. A análise sobre a percepção da infância ao longo dos séculos e a valorização crescente desse estágio da vida na sociedade é bem fundamentada, a infância não era vista como uma fase importante da vida. As crianças eram consideradas adultos em miniatura e não havia uma distinção clara entre a infância e a idade adulta como entendemos hoje, acompanhando o argumento de Áries (1981).

Embora, ao longo dos séculos tenha ocorrido uma valorização crescente da infância e da criança na sociedade, sendo reconhecidas como donas de todos os direitos fundamentais essenciais à pessoa humana, garantindo-lhes, por meio da lei que diz ser aplicada a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação. Estabelecido no artigo 3º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)

> Art. 3 A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. Parágrafo único. Os direitos enunciados nesta Lei aplicam-se a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social, região e local de moradia ou outra condição que diferencie as pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem (Brasil,1990, p. 1).

É fundamental reconhecer que essa transformação nem sempre beneficiou todas as comunidades de forma igualitária. Ao considerar as crianças das comunidades africanas, é evidente que suas vidas são as que menos importam. Portanto, é essencial reconhecer as circunstâncias históricas e sociais distintas que moldaram suas realidades e que essa “verdade” estipulada por lei está longe de ser realidade.

> Os africanos chegaram ao Brasil sob as condições de um sistema através do qual sua força de trabalho era apropriada pelos “senhores” brancos. Escravizados, exerciam atividades diversas e cumpriam jornadas de trabalho desregradas, ao gosto de seus senhores. As condições de estadia e vivência ofertadas eram condizentes com as destinadas a animais de carga: alojados nas senzalas, dispunham do mínimo, o indispensável, para sua sobrevivência (Santos, 2015, p. 33).

Enquanto a sociedade avançava em reconhecer os direitos das crianças, esses avanços nem sempre alcançavam as comunidades à margem, especialmente a comunidade negra. Para elas, sobreviver muitas vezes significa mais do que apenas estar vivo, mas viver com dignidade e direitos. Portanto, ao refletir sobre a percepção da infância nas crianças negras, é necessário considerar as injustiças históricas e as desigualdades estruturais que continuam permeando suas vidas, visto que a garantia de acessos e direitos fundamentais é o mínimo a se oferecer. É pertinente destacar que o ensino das relações étnico-raciais foi estabelecido como

obrigatório por lei sendo implementado através das diretrizes do Conselho Nacional de Educação presentes no parecer CNE/CP003/2004

A Lei nº 10.639/2003, promulgada em 9 de janeiro de 2003, determina a inclusão do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar.

> A demanda da comunidade afro-brasileira por reconhecimento, valorização e afirmação de direitos, no que diz respeito à educação, passou a ser particularmente apoiada com promulgação da lei 10.639/2003, que alterou a Lei 9.294/1996, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana (Brasil, 2004, p.3).

No entanto, a lei não nasceu em 2003, é resultado de inúmeras reivindicações que partiram das organizações coletivas da população negra. Ela é o resultado de um longo processo de construção, no qual muitos educadores já trabalhavam na promoção da educação para as relações étnico-raciais, mesmo antes da existência da lei.

Essa demanda que foi impulsionada pelo movimento negro não se restringiu a um único grupo de pessoas, mas sim a todos/as os interessados em construir uma sociedade mais justa e menos desigual. No ambiente educacional, partiu como iniciativa ao propor reverter contextos desiguais e traumas enfrentados pelos menos favorecidos desde sempre.

Assim falando, a história da educação formal[4] no Brasil reflete essa realidade complexa. Com um viés colonizador, a educação estava destinada às camadas privilegiadas, especialmente à elite local, com uma forte influência religiosa e um ensino focado na cultura europeia. “A escola estava vetada para pessoas negras e escravizadas” Ribeiro (2019, p. 09). Essa abordagem perpetua desigualdades estruturais tornando-se uma herança do racismo.

> Como herança do antigo sistema escravocrata e senhorial, recebemos uma situação de pendente inalterável na economia mundial, instituições políticas fundadas na dominação patrimonialista e concepções de liderança que convertem a educação sistemática em símbolo social dos privilégios e do poder dos membros e das camadas dominantes (Fernandes, 1960 p. 415).

---

[4] A educação formal no Brasil se consolida com viés colonizador de perpetuar as relações de poder. Portanto a educação formal se mostra como uma expressão de relação de poder e também baseada a uma lógica expansionista e marcada pela educação bancária assim como citado por Freire (2018) uma educação unilateral e marcada pelo educando como um receptáculo, algo vazio a ser preenchido, isso traz a dimensão originária da educação formal no Brasil.

Apesar dos avanços na democracia participativa e das políticas públicas voltadas para a inclusão, as diferenças educacionais entre as comunidades negras e brancas continuam evidentes. A partir do ensino médio, observa-se uma desigualdade nas taxas de frequência entre brancos e negros, com os jovens negros apresentando maiores índices de evasão ou reprovação, resultando em uma menor inserção no ensino superior em comparação aos brancos. O acesso à educação superior ainda permanece como uma conquista desigual. Portanto, apesar de possíveis mudanças significativas, a busca pela igualdade educacional ainda demanda um longo caminho de acordo com Marques (2018).

A desigualdade racial no Brasil é um problema persistente e profundamente enraizado, refletindo-se em diversos aspectos sociais e econômicos. A população negra, em particular, é a mais afetada. Pinho (2020) esclarece essa afirmação:

> No Brasil, dados comprovam que negras e negros são os mais atingidos pelo aprofundamento da crise capitalista. No mercado de trabalho, dados recentes divulgados pelo IBGE mostram que a população negra ganha 59% dos rendimentos de pessoas brancas. Além disso, negras e negros representam 70% da população que vive em situação de extrema pobreza, concentram maiores taxas de analfabetismo do que brancos – 11% entre negros e 5% entre brancos, além de constituírem mais de 61% da população encarcerada, embora representem 54% da população (IBGE) (Pinho, 2020, p. 35).

Conforme argumenta Brandão (1986), a classe dominante, composta por pessoas alfabetizadas e com acesso à educação formal, via a educação como um direito somente delas. Logo, as pessoas em posições sociais mais baixas compartilhavam entre si o conhecimento básico necessário para desempenhar seus trabalhos. Essas habilidades eram transmitidas e adquiridas no ambiente doméstico, nos quintais, na lavoura e na construção.

À medida que o Brasil se desenvolveu e a democracia participativa se fortaleceu, graças às políticas públicas e movimentos sociais, conforme indicado por Gomes (2017, p. 16), definições significativas acerca dos movimentos sociais se firmaram:

> Os movimentos sociais são produtores e articuladores dos saberes construídos pelos grupos não hegemônicos e contra-hegemônicos políticas e sociais. Atuam como pedagogos nas relações políticas e sociais, muito do conhecimento emancipatório produzido pela sociologia, antropologia e educação no Brasil se deve ao papel educativo desempenhado por esses movimentos, que indagam o conhecimento científico, fazem emergir novas temáticas, questionam conceitos e dinamizam o conhecimento.

No que se refere ao Movimento Negro, Gomes (2007, p. 23) organiza uma definição base:

> Entende-se como Movimento Negro as mais diversas formas de organização e articulação das negras e negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação desse perverso fenômeno na sociedade. Participam dessa definição os grupos políticos, acadêmicos, culturais, religiosos e artísticos com objetivo explícito de superação do racismo e da discriminação racial, de valorização e afirmação.

Se torna evidente a resistência dos movimentos sociais e sua história que deverá jamais ser esquecida ou enfraquecida, sendo agente de uma busca de emancipação social. Uma emancipação social que está ligada à busca por uma vida mais justa para a população negra envolve um sentido de pertencimento além de uma história baseada apenas em sofrimento. Ao invés de serem vistos como vítimas, descendentes de escravizados são capacitados a entender o papel que desempenharam e ainda desempenham na sociedade e que isso os capacita a reivindicar seu lugar de direito na construção do presente e do futuro.

No entanto, um dos desafios mais significativos nesse contexto é a falta de atenção dada às questões étnico-raciais. Não se trata apenas de adotar práticas pontuais, mas sim de implementar uma pedagogia que esteja comprometida com a luta contra o racismo e com a superação das hierarquias de poder relacionadas a ele. Pinho (2020):

> Só é possivel uma pedagogia transformadora se ela for também antirracista. Como teoria educacional, uma pedagogia antirracista se constrói a partir da dialética dos conflitos raciais no momento histórico em que vive, apontando para a sociedade livre de opressões que se quer construir . Ou seja, ela não é uma utopia e sim uma pedagogia concreta (Pinho, 2020 p.37).

Nesse sentido, qual seria o papel da educação senão o de instruir e abrir caminhos que ultrapassem os limites físicos da escola. Tal como Brandão (1986) argumenta, por meio da educação as pessoas menos favorecidas podem conquistar condições para acessar oportunidades de trabalho e participação na vida social, que fora da escola, são oferecidas como privilégios a uns e sobras a outros.

Uma vez que, ao apresentarmos de maneira valorativa a história da população negra às crianças negras, contribuímos para o fortalecimento de suas identidades, proporcionando elementos positivos para que elas se afirmam com orgulho como pessoas negras e lutem por seu espaço na sociedade, não se resignando diante do racismo, mas sim as preparando com argumentos para

combatê-lo. Bento (2022,p. 39) “é pertinente a ideia de uma memória positiva e coletiva que atribua valores à ancestralidade negra, revivendo o passado do povo negro não apenas através de uma história de sofrimento, mas também de narrativas de vitórias”.

É preciso compreender como a criança negra percebe seu próprio potencial de sucesso, se visualizando capaz de ingressar em uma universidade, podendo se tornar um médico ou um professor, profissões colocadas muito longe deles pela sociedade.

Tudo isso especialmente quando a maioria das referências das crianças negras frequentemente as retrata de forma estigmatizada, associando-as a estereótipos negativos como violência, criminalidade ou trabalhos subalternos, não sendo capaz de receber reconhecimento ou afeto positivo de alguém. Essa representação prejudicial impacta profundamente a autoimagem da criança, levando-a a se distanciar de sua herança/ancestralidade. Assim, concluído por Bento (2022, p. 28) “O discurso europeu sempre destacou o tom de pele como a base principal para distinguir status e valor”.

Se o cabelo naturalmente crespo é constantemente considerado feio, ela pode sentir a necessidade de alisá-lo para fugir desse processo de opressão e evitar todas características, colocadas como “negativas” buscando assim redefinir e reavaliar sua própria aparência, é difícil se aceitar quando a sociedade e até a mídia massifica que as pessoas bonitas são outras e impõe o modelo branco de beleza. Conforme declarado por Gomes (2008, p. 3),

> O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste.

A naturalização dessa perspectiva, a ausência dessa reflexão na academia e na escola fomenta a perpetuação de uma visão preconceituosa e estereotipada traduzindo assim na falta de destaque para as narrativas das comunidades historicamente marginalizadas, resultando em sua contínua invisibilidade e apagamento.

> O silêncio que atravessa os conflitos étnicos na sociedade é o mesmo silêncio que sustenta ao preconceito e a discriminação no interior da escola. Nela, de modo silencioso ocorrem situações que podem influenciar a

> socialização das crianças, mostrando-lhes, infelizmente, diferentes lugares sociais para pessoas brancas e negras (Cavalleiro, 1999, p.47).

No caso das crianças não negras, ensinar sobre relações étnico-raciais pode promover o respeito pela diversidade, que é fundamental para toda a sociedade. Isso também ajuda essas crianças a entenderem que os direitos sociais não são exclusivos das pessoas brancas. Ao apresentar a realidade conforme a criança a enxerga no mundo, podemos criar uma base para mudanças significativas.

Além disso, é preciso ressaltar a necessidade crítica de iniciar reflexões desde a infância sobre a afirmação que "somos todos iguais". Se essa suposta igualdade realmente existisse, os negros não teriam sido escravizados. Essa "igualdade" só existe no papel, não como um direito efetivo.

Uma vez que, enquanto não estivermos conscientes e dispostos a ouvir as resistências das crianças, que têm suas diversas vivências moldadas por olhares e julgamentos, não seremos capazes de efetuar mudanças significativas nesse cenário onde a única herança posta aos negros é o sofrimento. “Porque, se a voz de nossos ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonhos injustos” (Evaristo, 2020, p. 30).

Se antes a voz do povo negro era escondinda, útil somente pra servir, hoje essa mesma voz, através da escrita, serve para despertar uma consciência crítica nos opressores, fazendo-os reconhecerem suas próprias injustiças e privilégios. Contexto onde a educação antirracista se define como fôlegos afim de propor novas perspectivas além da ampliação e rompimento de um conhecimentos colocado como único.

Porém, a mesma só será reflexo de mudanças, quando todas as partes envolvidas começarem a se escutar verdadeiramente para além dos olhares não compreendidos, vozes em busca de afeto e aceitação, vozes que vão além dos limites físicos da escola.

> Faz-se necessário escutar os ruídos das paredes, dos móveis, os dizeres proferidos pelas crianças pequenininhas – é indispensável que os/as docentes se ouçam. A educação das relações étnico-raciais somente será legítima quando todos os elementos que constroem a educação infantil se escutarem, conversarem, discordarem, e produzirem a diferença como elemento produtivo da pedagogia da infância desenvolvida pela instituição. É necessário ouvir. Escuta? (Santiago, 2015, p. 150).

Nesse cenário, a criança surge como o elemento central da mudança, não apenas como receptor de propostas pedagógicas impostas pelos professores, mas como protagonistas ativas na busca por transformação. A partir disto, a Educação Antirracista emerge como uma ferramenta poderosa no combate ao racismo. Ao apresentar uma história valorativa da população negra e promover o respeito pela diversidade desde a infância, podemos fortalecer a identidade das crianças para que as mesmas reivindiquem seu lugar na sociedade e se sintam digna de todos os direitos em suas diferentes vivências e perspectivas.

> É importante ter em mente que para pensar soluções para uma realidade, deve-se tirá-la da invisibilidade. Portanto, frases como " eu não vejo cor" não ajudam. O problema não é a cor, mas seu uso como justificativa para segregar e oprimir. Veja cores, somos diversos e não há nada de errado nisso–se vivemos relações-etnico raciais é preciso falar sobre negritude e também sobre branquitude (Ribeiro, 2019, p. 30).

Portanto, é primordial uma posição sobre a Educação Antirracista, trazendo em primeiro lugar a tarefa de tirar o racismo da invisibilidade. Esconder as estruturas sociais que definem as pessoas há muito tempo não é mais aceitável. Encarar de frente a realidade, não apenas como educadores, mas como seres humanos, em busca de mudanças, é essencial. Fechar os olhos não ajudará a resolver os problemas; pelo contrário, significa aceitar e participar ativamente dele.

O racismo existe e tem atingido nossas crianças, têm roubado o prazer em vivenciar a infância direito estabelecido a todos/as. Essa privação da alegria precisa ser combatida por aqueles que muitas vezes não têm voz para serem ouvidos.

> A demanda por reparação visa a que o Estado e a sociedade tomem medidas para ressarcir os descendentes de africanos negros, dos danos psicológicos, materiais, sociais, políticos e educacionais sofridos sob o regime escravista, bem como em virtude das politicas explícitas ou táticas de branqueamento da populaçao, de manuenção de privilégios exclusivos para grupos com poder de governar e de influir na formulação de políticas, no pós-abolição. Visa também a que tais medidas se concretizem em iniciativas de combate ao racismo e a toda sorte de discriminações (Brasil, 2004, p. 3).

Diante desse cenário, a Educação Antirracista assume uma papel primordial, em que busca sensibilizar e capacitar os educadores para lidar com questões étnico-raciais de forma adequada, promovendo o respeito, a tolerância e a valorização da diversidade racial. Essa abordagem é essencial na construção da

sociedade a fim de lutar por direitos e mudanças, visto que essa mudança não será algo a se construir sozinho e para lutar por ela, é preciso primeiramente abrir os olhos, não só para o que me atinge, mas o que vem prejudicando muitos ao nosso redor. “A superação do racismo está ligado em permitir-se ouvir o outro” (Santiago, 2015, p.148).

Vivemos em um país extremamente desigual, onde a sociedade oprime e transfere preconceitos. A busca por transformação social e mudanças para combater essas questões não diz respeito apenas à população negra, mas a toda a sociedade.

Por isso, é necessário que as práticas educacionais antirracistas sejam implementadas desde a Educação Infantil. É nessa fase que as crianças começam a entender o mundo ao seu redor convivendo com os pares, na inserção e troca com o outro. É importante priorizar não apenas a teoria, mas também adotar uma postura política na luta contra o racismo, dentro e fora da escola.

3. CAMINHO PERCORRIDO: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Pretendo nesta sessão dissertar o caminho percorrido para a realização do trabalho. A esse caminho, atribuo o nome de metodologia, concordando com Minayo (1994, p.16): “Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e prática exercida na abordagem da realidade. Nesse sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas”.

Tal como afirma Gatti (2012, p. 14),

> Para se discutir a construção metodológica da pesquisa em educação é necessário se perguntar sobre os conceitos utilizados na caracterização do campo, distinções que podem clarificar significados e contribuição para sua autoafirmação e pergunta sobre identidade e formas investigativas.

Fomenta-se a necessidade de uma abordagem metodológica cuidadosa para atingir os objetivos da pesquisa. Nesse viés, como esclarecido por Thiollent (2014), o objetivo é desenvolver uma metodologia flexível que possa se adaptar à variedade de situações encontradas, criando conteúdos e procedimentos que sejam

apropriados tanto para as necessidades quanto para a cultura dos participantes, de modo que a metodologia seja moldada de acordo com o contexto.

Segundo Cellard (2008, p. 296-297),

> Definir o documento representa em si um desafio. [...] Privilegiando uma abordagem mais globalizante, a história social ampliou consideravelmente a noção de documento. De fato, tudo o que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, é considerado como documento ou "fonte" como é mais comum dizer, atualmente. Pode tratar-se de textos escritos, mas também de documentos de natureza iconográfica e cinematográfica, ou de qualquer outro tipo de testemunho registrado, objetos do cotidiano, elementos folclóricos, etc.

Além de que a pesquisa deve ser formulada a partir de objetivos iniciais, como a formulação de um problema a ser investigado como colocado por Minayo, “Toda investigação se inicia com um problema, uma questão, com uma dúvida ou com uma pergunta, articulada a conhecimentos anteriores, mas que também podem demandar a criação de novos referenciais” (1994, p. 18).

3.1 UMA BREVE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A fim de conhecer os trabalhos existentes acerca da temática em questão, foi realizada uma pesquisa no repositório CAPES. Os descritores utilizados para a busca em conjunto foram: racismo, educação antirracista, e educação para as relações étnico-raciais. O primeiro descritor trouxe como resultado 3.565 trabalhos; o segundo, 59; e o último 05 trabalhos. Neste universo de trabalhos, alguns se aproximam e outros se distanciam da presente pesquisa. Portanto, selecionamos aqueles que melhor se aproximam da temática do presente trabalho, entretanto, estes não compuseram o quadro do referencial teórico.

Quadro 1- Amostra do levantamento dos trabalhos da CAPES.

Dissertação**:"ESPERA AÍ, AGORA SOMOS NÓS": Percepções sobre racismo Práticas Pedagógicas e Educação das relações etnico-raciais numa escola de CUIABÁ-MT (2006-2021).**Autoria : Mário Alves dos Santos. Ano 2022
Dissertação: **Pedagogia da diversidade: A contribuição do núcleo de estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da Universidade Federal do ABC (UFABC) para formação continuada dos (as) professores (as)o no contexto de uma educação antirracista'.** Autoria: Daniela Pinheiro de Oliveira . Ano 2020
Dissertação: **Tecendo Rede antirracista para o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira a na educação básica do municipio da Serra (ES)'.** Autoria: Marcia Araujo Souza Beloti. Ano 2020
Dissertação: **NEGRO DRAMA: Narrativas estudantis negras, Educação Física escolar e educação étnico-racial.'** Autoria: IZAU VERAS GOMES. Ano 2019
Dissertação: **Educação para as Relações Étnico-Raciais e Literatura Infantil: trilhando possibilidades para o currículo antirracista.** Autoria: Lilian Carine Madureira Vieira da Silva Ano 2021
Tese: **O racismo institucional no cotidiano das Relações Sociais do espaço escolar Estado Paraná'**. Autoria: Tânia Aparecida lopes Ano 2020
Dissertação: **Pertencimento étnico racial e práticas pedagógicas antirracistas com crianças pequenas: narrativas de professoras negras de Educação Infantil** Autoria: Roberta dias de Souza Ano 2021
Dissertação: **Práticas Pedagógicas Antirracistas na Educação Infantil: Uma experiência em SERRA/ES'.** Autoria: Ednalva Rodrigues de Oliveira Ano 2022

Fonte: Construído pela autora (2024).

Nesse viés, o quadro a seguir apresenta a bibliografia referente aos livros utilizados para a construção do referencial teórico. Esses livros foram cuidadosamente selecionados para fornecer uma base sólida e abrangente sobre o tema da pesquisa.

Quadro 2: Títulos de livros e autores.

O movento Negro educador: Saberes constituidos nas lutas por emancipação. Autora: Nilma Lino Gomes. (2017)
O pacto da Branquitude. Autora Cida Bento.(2022)
Pequeno manueal antirracista. Autora: Djamila Ribeiro.(2019)
Pedagogia das Encruzilhadas. Autor: Luiz Rufino.(2019)

Fonte: Construída pela autora (2024).

3.2 NARRATIVAS DE VIDA: TRAJETÓRIAS DE EMPODERAMENTO NA PESQUISA QUALITATIVA

A pesquisa se configura como qualitativa, a partir de uma observação participante, e ancorou-se em uma perspectiva de narrativas biográficas através de uma reconstituição de trajetória. “Enquanto escrevo, eu me torno narradora e escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade na minha própria história. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predestinou” (Kilomba, 2020 p.27).

As narrativas são um elemento poderoso na organização de memórias, unindo passado e futuro através de reflexões e até da cura de um passado doloroso. Compartilhar histórias de forma significativa, com sentimentos e vivências reais e únicas, auxilia na construção da identidade. Isso não apenas permite o compartilhamento de memórias, mas também a reconstrução e rememoração do passado.

Vivenciar trajetórias como um sinônimo de resistência desafia as estruturas que tentam limitar ou distorcer nossa voz diante do sistema de opressões enfrentado. Essas histórias, imersas em um passado que se faz tão presente, refletem um processo de empoderamento, pois as crianças se expressam nas práticas apresentadas quando se sentem acolhidas e seguras. A narrativa constitui-se, então, numa forma particular de reconstrução da experiência, através da qual, mediante um processo de reflexão, dá-se significado ao acontecido ou vivido (Gomes, 2018 p. 7).

Destaco ainda que, ao conduzir esta análise de práticas pedagógicas, embasada em trocas pessoais com as crianças que frequenta tal espaço, construídas a partir de narrativas pessoais, em que me aproprio para refletir e espelho minha própria infância de maneira sensível, poética e como sinônimo de força ancestral.

A fim de quebrar normas, criando novos espaços de expressão ao buscar tocar e inspirar o leitor durante o processo. Tal como aponta (Kilomba,2020 p.59) ”O discurso das/os intelectuais negras/os surge, então , frequentemente como um discurso lírico e teórico que transgride a linguagem do academicismo clássico.”

Desta forma, a metodologia foi compreendida com movimentos de encontros que me permitiu o convívio, a escuta sensível, alem̓ da construção de afeto e confiança em relação às trocas de experiências estabelecidas entre o grupo.

Os encontros eram organizados semanalmente, às quartas-feiras no período da tarde. A maioria das oficinas aconteciam ao ar livre, pois as crianças apreciavam muito esse ambiente. A maioria das crianças era branca, embora também houvesse crianças negras e venezuelanas com idade de 3 a 6 anos. As propostas aplicadas eram cuidadosamente elaboradas com objetivos específicos, focando na identidade e representatividade das crianças. Havia um esforço contínuo a fim de compartilhar conhecimentos distintos.

Durante as oficinas, as interações e observações significativas eram registradas em um caderno de campo, além de serem documentadas por meio de fotografias feitas com o celular. Para suprir a falta de abordagens relacionadas a questões raciais, foram introduzidas propostas específicas com o objetivo de promover o pertencimento, a valorização da diversidade, a identidade e o

empoderamento pessoal das crianças. Desta maneira, a pesquisa foi conduzida com base em uma reflexão aprofundada sobre a descrição de cenas escolares, em que me aproprio do debate antirracista afim da costrução metodológica.

Indico ainda que esta pesquisa não é inédita, mas busca explorar novos processos de maneira harmoniosa, visando resolver um problema de pesquisa previamente identificado. Por conseguinte, após a apresentação metodológica no capítulo a seguir apresento as práticas, além de recursos utilizados para realização da pesquisa e todo processo de forma descritiva.

4. ANÁLISE DAS PRÁTICAS ANTIRRACISTAS - ORGANIZAÇÃO E PROCESSOS.

Esse capítulo é destinado a apresentação das práticas em todo período de pesquisa, valendo ressaltar que não será exposto todas as práticas feitas e sim as com mais impactos relacionados ao objetivo.

Visto que se trata de um trabalho de conclusão de curso com um tempo limitado,o conjunto de práticas educativas foi realizado com crianças de idades entre 3 e 6 anos, em uma maioria crianças brancas do sexo masculino residentes do bairro que frequentavam o espaço direcionado ao acolhimento da comunidade. As práticas eram realizadas durante o período da tarde, nesse espaço destinado naquele momento como não formal de ensino, situado em um bairro periférico de Erechim/RS. O objetivo comum de todas as práticas era trabalhar a Educação antirracista como forma de empoderamento, abordando questões étnico-raciais na primeira Infância.

Diante de minhas ações, pude perceber que, embora existentes nas salas, muitas das crianças negras não se conheciam como tal, uma forma de negação de si mesmas, entendendo que isso não se destina individualmente às instituições de ensino, visto que pertencemos como produtos de uma sociedade colonial que estabelece o saber e como ensinar. “Com efeito, diz-se que encerrado o período colonial, a colonialidade derivada daquele continua a reproduzir suas amarras na modernidade” (Frutuoso, 2018, p.11).

Para lidar com essa situação, organizei ações antirracistas, em que cada ação e reação das crianças aprofundei-me em reflexões para criação de novas práticas, buscando não apenas falar sobre o assunto, mas envolvendo as crianças em contextos que refletissem sobre sua identidade. Utilizei a literatura como uma ferramenta poderosa, partir de um acervo que construi introduzindo personagens e autores negros em nossas propostas, além de livros em espanhol para melhor inclusão as crianças venezuelanas.

Durante todo o processo, concentrei-me em temas como representatividade, ancestralidade, aceitação e pertencimento. Explorei histórias protagonizadas por personagens negros, nas quais as crianças pudessem se enxergar e se identificar. Ao mesmo tempo, abordei aspectos emocionais, culturais e históricos da África e da cultura afro-brasileira, além da ação individual e coletiva de cada criança.

Diante disso, apresentamos/descrevemos as práticas organizadas da seguinte forma: cada uma das subseções compreende as atividades realizadas em um determinado mês. Cada descrição inclui o nome da prática, o recurso utilizado, o objetivo e um breve desenvolvimento, além de cenas de aula a fim de colocar o leitor dentro do processo.

Após as descrições das práticas, são apresentadas considerações sobre os desdobramentos de cada uma delas. Em seguida, são apresentados os registros dos diários de campo, como narrativas, fotografias e todo o material recolhido durante a pesquisa.

Assim, como destaca Rufino (2019, p. 42) "A diáspora negra está a ser construída cotidianamente nas práticas, tecendo conhecimento que nos possibilita a produção de um projeto político/pedagógico/poético/ético antirracista/descolonial”.

Quadro 3 - Prática 1: O Coração do Baobá (Agosto/2023)

Título	**Recurso utilizado**	**Ideia geral**	**Breve desenvolvimento**
O coração do Baobá	- Livro “ O coração de Baobá de Heloisa Pires Limas". Argila;	Representatividade e pertencimento, conhecimento de novas culturas e respeito.	Após a leitura do Livro” O coração do Baobá” as crianças foram convidadas a criar suas próprias árvores baobá Trazendo a ideia e história através da ancestralidade e também o entendimento e conhecimento da cultura africana.

Fonte: Construída pela autora (2024)

Agosto chegou com um céu azul impecável e um sol generoso, que aquecia nossos corações. Reuni as crianças em um círculo sob a sombra de uma grande árvore. O vento suave acariciava seus rostos, e o som das folhas, algumas caídas ao chão, fazia uma melodia suave. As crianças se achegaram no chão pertinho da grama. A grama sob nossos pés era um convite à conexão profunda, algumas crianças estavam descalças, sentindo o ambiente em sua plenitude, enquanto outras permaneciam com suas meias coloridas.

Esse era nosso refúgio, nosso momento harmonioso baseado em afetos e liberdade de expressão. O barulho do bairro agitado ao redor era um contraponto, um lembrete da vida que seguia lá fora, mas aqui, sentados no chão, seus olhinhos brilhavam de curiosidade e expectativa.

Nesse ciclo grande, anunciei: "Hoje, iremos trabalhar com argila". Vi seus olhares distantes, como uma negação, pois o material era novidade para muitos. No entanto, havia magia no desconhecido, e eu sabia que logo se entregariam a essa nova experiência.

Sentados no chão, começamos a leitura de "O Coração de Baobá", Pires (2004), um livro tranquilo e ricamente ilustrado, cujas páginas nos levaram para uma viagem à África. As crianças, em um silêncio atento, mergulharam na história, sentindo a batida de um coração ancestral que pulsava, um coração que existia em cada um, esse era nosso tesouro compartilhado o que teríamos de melhor a ser explorado naquela tarde.

Ao término da leitura, distribui a argila. As pequenas mãos começaram a moldar suas próprias árvores baobá, aquelas que carregam um significado profundo na cultura africana. Expliquei que, na tradição africana, os mais velhos se reúnem ao redor do baobá para buscar conselhos e tomar decisões difíceis, considerando-a uma fonte de sabedoria e conhecimento.

Enquanto as crianças trabalhavam, vi nascer uma série de narrativas um convite a questionamentos. A argila, inicialmente estranha, transformou-se em

imaginação e criatividade. A interação era intensa, e o ambiente vibrava com uma energia criativa. Eles estavam concentrados.

- Eu te amo baobá!!! exclamou uma voz segurando sua árvore;
- Ele é muito grande, maior que essa árvore aqui fora;
- Tem bastante sombra; observou outras crianças;
- Meu baobá vai ficar lindo; prometeu alguém;
- Eu não conhecia essa história; disse outra feliz como a descoberta;

> Marielle [5]se levantou e começou a coletar galhos e folhas das árvores caídas ao nosso redor. Quando perguntei o motivo, ela, com olhos brilhantes, respondeu: "Esse vai ser meu tesouro, como os tesouros dentro do baobá. Vou colocar aqui para contar meus segredos, igual ao povo que a professora falou". Inspiradas por sua ideia, outras crianças começaram a recolher galhos e folhas caídas ao chão, integrando a natureza em suas criações e sentimentos. (Fragmento do caderno de campo, agosto de 2023)

A argila, mesclada com os elementos da natureza, tornou-se uma ponte para a expressão de suas emoções e sentimentos. Não havia certo ou errado, apenas a liberdade de criar e partilhar. A cultura negra possibilita aos negros a construção de um “nós”, de uma história e de uma identidade, Gomes (2003).

Cada gesto, cada peça moldada revelava a diversidade e a riqueza nas esculturas. A valorização do meio ambiente e a expressão artística se entrelaçam, fazendo com que a riqueza das obras transpareça e atraia todos os olhares. As fotografias que tiramos capturam esses momentos preciosos, mostrando a beleza e a profundidade do momento.

---

[5] Todos os nomes expostos são fictícios, referente a personagens negras(o) representantes da história.

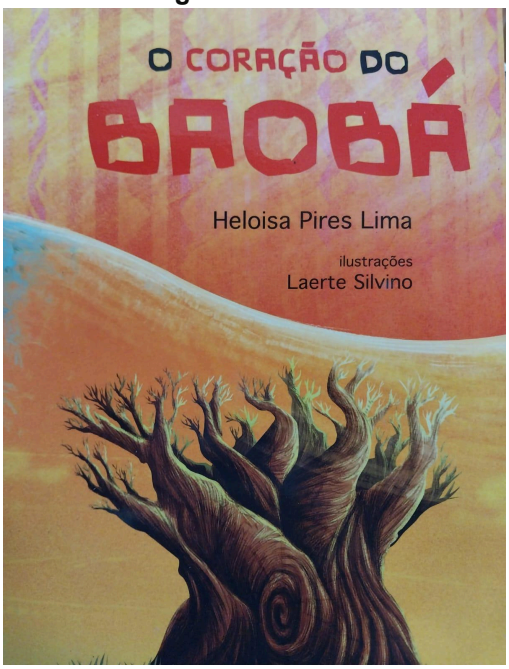
Figura 1 - Processos

Fonte: Autora (2024)

Figura 2 - Baobá Finalizado

Fonte: Autora (2024)

Figura 3 - Leitura realizada



Fonte: Autora (2024)

Figura 4 - Construção do Baobá

Fonte: Autora (2024)

Figura 5 - Criança exibindo sua escultura

Fonte: Autora (2024)

Figura 6 - Colocando as folhas

Fonte: Autora (2024)

Figura 7 - Produção em grupo

Fonte: Autora (2024)

Figura 8 - Baobá com galhos

Fonte: Autora (2024)

O envolvimento das crianças com o meio e suas expressões de afeto e troca pelo baobá demonstram um resultado positivo dessa experiência em seu desenvolvimento. Ao incluirmos essa proposta na rotina escolar, criamos uma base

para a construção de uma Educação Antirracista, permitindo que as crianças se tornem tanto produtoras quanto receptoras de diversas culturas, dando a elas o poder de construir novos significados ao seu redor, construir novos imaginários e sonhar alto com o que acreditam dentro de suas cabeças pensantes sem as limitações muitas vezes impostas pelos adultos, que impedem de realmente perceberem e compreenderem o que as crianças pequenas querem expressar. Segundo a afirmação de Santiago,

> O adultocentrismo não permite olhar e ouvir o que as crianças pequenininhas querem nos transmitir, nos deixando amarrados em padrões de linguagens e de comportamentos que muitas vezes não correspondem à "intempestividade" da própria infância. Dentro desse contexto, as culturas infantis são fetichizadas como meros elementos reprodutores do mundo adulto, e a infância se torna assim um espaço de simples cópia, destituído da possibilidade de produção de cultura e ressignificação do mundo (Santiago, 2015, p. 141).

É fundamental que as crianças tenham acesso a narrativas de valorização e combate aos estereótipos e preconceitos. Propostas pedagógicas que valorizam a cultura e a representatividade negra, abordando temas como afeto, história afro-brasileira e africana, quando escolhidas de forma consciente e inclusiva, tornam-se aliadas poderosas na promoção de uma educação que transforma.

Além de que, a proposta promoveu o contato com a cultura africana e afro-brasileira, ao valorizar o baobá, o meio ambiente, a ancestralidade, experiências e sabedoria. Assim, como colocado por Munganga (2012), que desmistifica o imaginário coletivo: os africanos não chegaram ao Brasil como primitivos nus e acorrentados. Trouxeram consigo uma riqueza cultural que permeia nossa culinária, artes, religiões entre muitas que moldam nossa identidade. As práticas contribuem para a luta pela igualdade em relação às crianças negras, uma batalha que ainda tem um longo período pela frente.

Desse modo, os educadores precisam ter plena consciência do papel fundamental que desempenham na vida das crianças. É essencial que estejam cientes da representação que têm sobre elas, visto que a maioria das vezes é na escola que a criança passa o maior tempo. Antes de abordar qualquer tema, é preciso que os educadores reconheçam e deixem de lado qualquer preconceito que possam carregar consigo.

O que se torna fundamental para garantir que o processo de ensino e aprendizagem antirracista ocorra de maneira clara, sem reforçar estereótipos prejudiciais. Além disso, os educadores devem estar abertos ao diálogo e à reflexão constante sobre suas próprias práticas, buscando sempre aprender e se atualizar sobre questões relacionadas à diversidade e ao combate ao racismo.

Portanto, como colocado por Munganga (2012), estas contribuições culturais precisam ser resgatadas positivamente, desconstruindo imagens negativas que fizeram delas e substituindo-as pelas novas imagens, positivamente reconstruídas. Tal prática constitui assim de maneira sólida a expor a cultura de forma valiosa a ser compreendida, mostrando como as crenças, identidades e histórias ancestrais fazem parte, podendo ser usadas e compartilhadas através da memória positiva, além de compartilhadas como foi apresentado às crianças.

Quadro 4 - Prática 2: Onde estão nossos heróis? (Setembro/2023)

Título	**Recurso utilizado**	**Ideia geral**	**Breve desenvolvimento**
Onde estão nossos heróis?	Leitura : Rosa Parks a mulher que enfrentou o racismo; Lápis de cor; Desenhos impressos	Promover a valorização da representatividade negra, permitindo que as crianças reconheçam esses personagens como modelos positivos e importantes contribuidores para a sociedade.	As crianças foram separadas em grupos podendo escolher uma das figuras negras expostas para a realização das releituras. Personagens como Zumbi dos Palmares, Angela Davis, Carolina Maria de Jesus entre outras estavam na lista.

Fonte: Construída pela autora (2024).

No mês de setembro, numa sala iluminada pelo sol existente mas tímido, sol que aquecia nossos corações, preparei um espaço onde os sonhos pudessem crescer. Levei as crianças em uma viagem através do tempo e das histórias

esquecidas. Nossa missão era reler e recriar figuras negras que, muitas vezes, tiveram suas histórias apagadas e silenciadas.

Em um primeiro momento, preparei o espaço em que trabalhamos em grupos. Para a realização, expus algumas imagens na lousa, um convite para descoberta: olhares curiosos, corações ansiosos para aprender. A leitura escolhida foi Gr. Biografias - Rosa Parks - Mulher que Enfrentou o Racismo - Folha de S. Paulo (2021). Nas páginas, a luta de uma mulher corajosa, que desde sempre lutou pela igualdade.

Após a leitura, apresentei os personagens, relembrando suas histórias e dando vida às suas memórias. Sobre uma mesa grande, as folhas foram distribuídas. Essa tarde era de aprendizado sem fim, onde a imaginação e descobertas estavam presentes como nossas melhores amigas.

Algumas narrativas me chamaram a atenção durante a proposta. Mesmo especificando que as figuras seriam negras, as crianças parecem receosas em pintá-las com a cor preta, como se fosse um erro, sempre pedindo o lápis "cor de pele". Questões que já havíamos abordado em encontros anteriores.

No cenário da sala de aula, onde o saber se entrelaça com sonhos e descobertas, eis que Malcolm, entre as figuras que lhes mostrava, direcionou se a mim e disse:

> "Professora, quero aquela ali!" Apontou para Angela Davis sobre a mesa.
>
> Continuei a apresentar as outras imagens, e a criança, também de pele escura, acrescentou: "Essa professora com o cabelo pra cima, igual ao seu!", referindo-se novamente a Angela. Entreguei-lhe o papel e ele começou a pintar o desenho.
>
> Emicida entrou na conversa para relacionar o amigo com uma das imagens: "Olha, Malcolm, parece você!" Apontava para a figura de Zumbi dos Palmares.
>
> "Eu não," respondeu Malcolm, rindo com os colegas.
>
> Refletir sobre o comentário, ciente de como raramente as crianças negras são apresentadas de forma positiva nas atividades escolares, e ser comparado parecia uma ofensa. Continuei contando a história de cada um dos retratos, e ao falar sobre Zumbi, me referi à turma: "Amigos, Zumbi dos Palmares foi um grande guerreiro, um herói."
>
> Malcolm interrompeu: "Igual ao Batman?"

Respondi, sorrindo: "Opa, bem melhor que o Batman, risos..."

Ele me olhou surpreso, como se reconhecesse que é uma honra se parecer com ele, e voltou a pintar. No entanto, parou de pintar Angela e pediu se poderia trocá-la por Zumbi; respondi “é claro que você pode”.

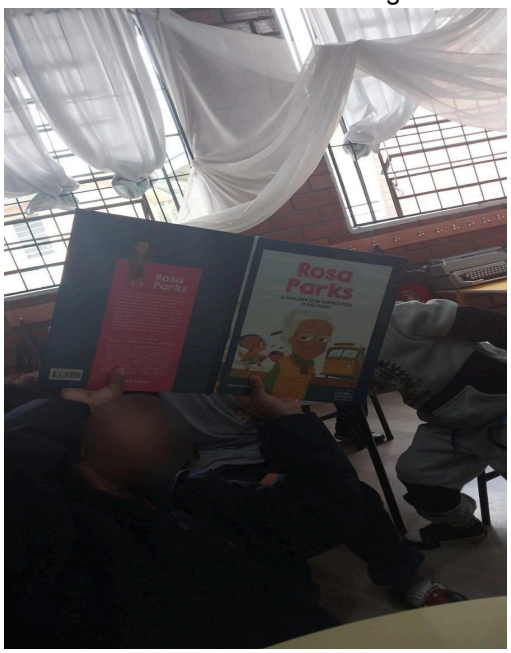
Pintou todo o desenho de preto e ao final me mostrou e disse: "Esse sou eu, é o meu Zumbi..."

Mesmo com todas as crianças pedindo o lápis "cor de pele", questionei: "Mas que pele?" Ficaram confusas, olhando-me de forma diferente. Percebi um turbilhão de pensamentos na mente. Após a conversa, ao se verem como heróis representados, pessoas do bem, que lutaram e resistiram, retratados. As crianças sem medo, começaram a pintar os retratos em preto, como se quisessem expressar:

"Esse não é um lugar só para os brancos ocupar, eu estou aqui, eu vivo aqui", puderam pensar. Enxergando-se como parte dessa história,como parte desse lugar positivo, como os verdadeiros heróis e heroínas da sociedade.

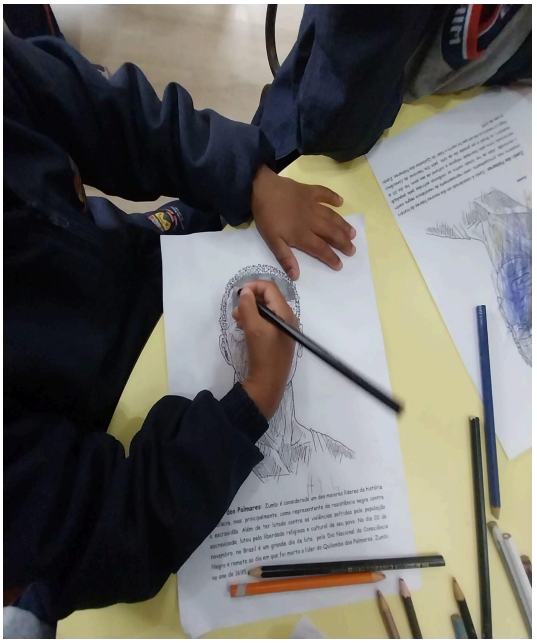
(Fragmento do caderno de campo, Setembro de 2023)

Figura 9 - Malcolm contando a história aos colegas



Fonte: Autora (2024)

Figura 10 - Colorindo Zumbi



Fonte: Autora (2024)

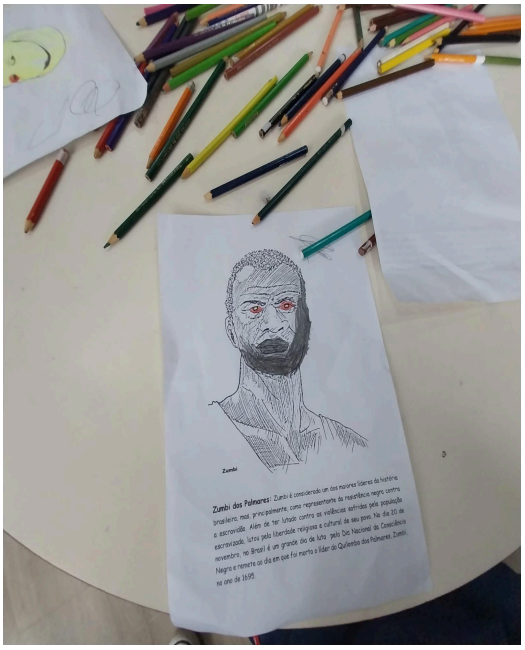
Figura 11 - Realização da proposta

Fonte: Autora (2024)

Figura 12 - Colorindo as releituras

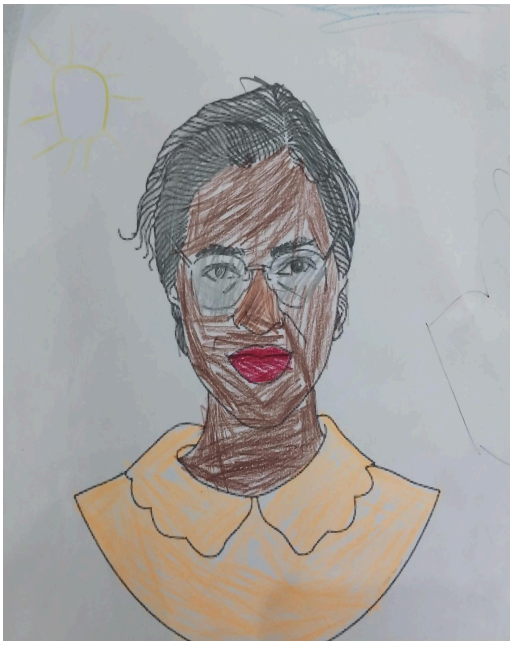
Fonte: Autora (2024)

Figura 13 - Finalizando o desenho



Fonte: Autora (2024)

Figura 14 - Desenho FInalizado

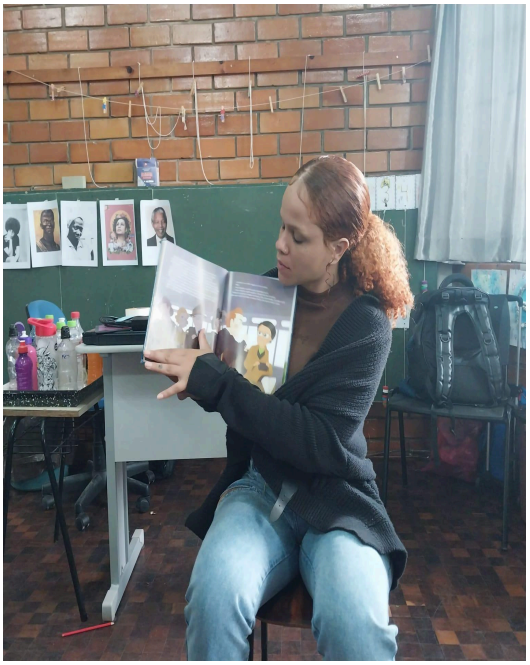


Fonte: Autora (2024)

Figura 15 - Dandara Finalizada

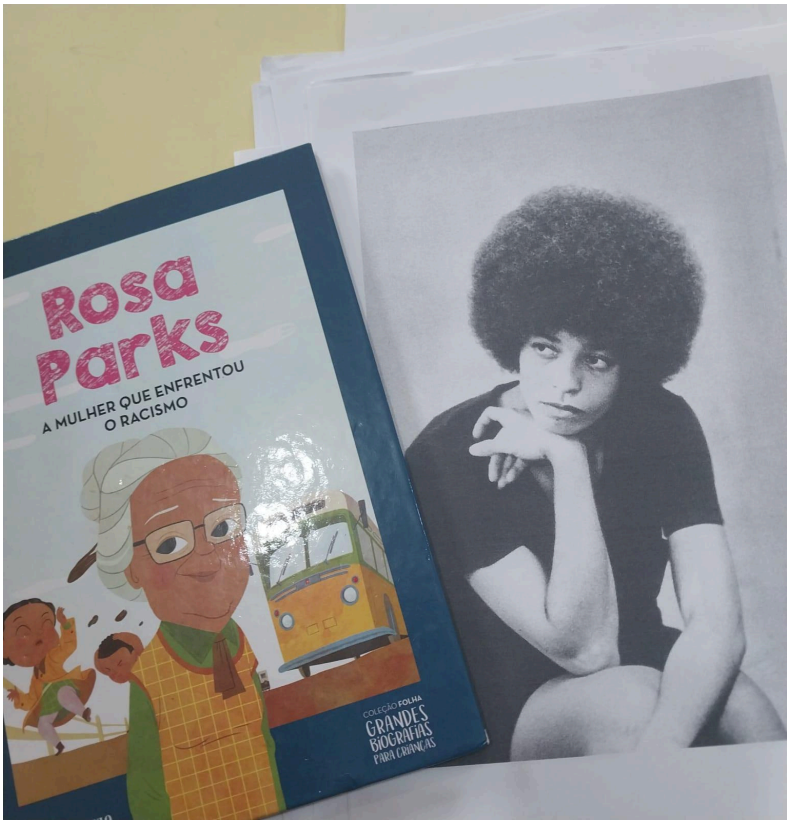
Fonte: Autora (2024)

Figura 16 - Contação de História



Fonte: Autora (2024

Figura 17 - Leitura realizada



Fonte: Autora (2024)

”Ao assimilarem os valores sociais e/ou morais da ideologia do branqueamento, alguns negros avaliavam-se pelas representações negativas construídas pelos brancos. Era necessário ser um ‘negro da essencia da brancura’” Domingues (2022, p.576).

A discussão sobre as relações étnicas é essencial para promover uma educação a fim de fomentar mudanças significativas dentro e fora de um contexto escolar, tal educação precisa ser comprometida com o desenvolvimento de todos/as para que compreendam assim o seu lugar e lutar por mudanças.

Entretanto, quando um grupo é marginalizado ou rejeitado, suas experiências e perspectivas são apagadas ou distorcidas pelo discurso que predomina, além de imposições de verdades não existentes que ignoram histórias reais desse determinado grupo. Portanto, expor a criança negra de forma positiva pode ajudá-la a sentir orgulho de sua identidade e a lutar por seu lugar na sociedade. Além disso, ela encontrará argumentos para combater o preconceito que muitas vezes enfrenta.

Quadro 5 - Prática 3: Abayomi, aquela que traz alegria. (Outubro/2023)

Título	**Recurso utilizado**	**Ideia geral**	**Breve desenvolvimento**
Abayomi	Tecido Livro “Bucala. A pequena princesa do quilombo do cabula. Davi Nunes.	Valorização e respeito à diversidade cultural.	Essa proposta se deu a partir da confecção da boneca Abayomi com a turma, além da reflexão a partir da história e cultura afro.

Fonte: Construída pela autora (2024).

Em outubro, antes da chegada das crianças, preparei o espaço com cuidado, nosso círculo acolhedor na sala, agora na biblioteca, um lugar novo a explorar. Os retalhos coloridos espalhados pelas mesas, a agitação tomava conta da turma, enquanto lá fora o dia sorria, o bairro mostrava vida e os adolescentes jogavam bola na quadra. Ao ver os retalhos sobre a mesa, pude notar olhares de curiosidade, algumas mãos curiosas tocaram os panos com uma intenção de descoberta. Cada pedaço de tecido carregava uma história, uma promessa de criação.

Após a leitura de “Bucala" A pequena princesa do quilombo de bula de Nunes (2015). História repleta de sentimento que compartilha conhecimentos de uma forma tão leve e divertida. Seguimos interpretando a lenda por trás da boneca Abayomi, andei pela sala, mostrando uma delas, feita por mim, os olhinhos brilhavam, as mãos curiosas se transformavam. À medida que a história se desenrolava, as crianças se envolviam, conversas brotavam entre elas, a magia das ideias. Um universo de imaginação se abria, onde os tecidos ganham forma, as histórias se entrelaçam com sorrisos e suspiros de encantamento. A sala estava agitada!

> Abdias cruzou os braços e disse: Não vou fazer. Eu sou homem, não posso brincar com bonecas.
>
> Respondi com um sorriso, tentando conter uma risada pois já imaginava que essa ideia iria surgir: Tudo bem! Vou deixar você pensar melhor.
>
> O garoto saiu com um semblante emburrado e sentou-se um pouco mais longe da turma. Notei que ele ficou observando os colegas por algum tempo, se acabando de curiosidade, afinal seus amigos que também eram meninos continuavam a confeccionar as bonecas. Em pouco tempo, ele se aproximou devagar e observando que os colegas estavam se divertindo, logo perguntou: Professora, posso escolher a cor da roupinha?
>
> Respondi com um sorriso acolhedor, estava feliz que ele voltou ao grupo: Sim, e você pode brincar com ela também, claro se quiser. Em todas as propostas, trabalhei com a liberdade das crianças. Suas escolhas, suas vontades. Este processo é delas, estou aqui como professora mediando. Elas precisam querer participar. Estar à vontade, delimitar seus limites e espaço. Este é o princípio do respeito e da criação de laços afetivos.
>
> Enquanto isso, as outras crianças seguiam imersas em suas atividades. Lélia, com os olhos fixos nos retalhos de tecido, disse com uma voz suave: Eu nunca tive uma boneca de pano.
>
> Aproveitei o momento para compartilhar um pouco de história: Esse era o único jeito que as mães tinham para acalmar suas crianças, rasgando os panos de suas roupas.
>
> Ela me olhou surpresa como se refletisse sobre a história contada. Carolina Maria de Jesus, gritando pela sala, disse: Os pais dela não tinham dinheiro? nossa!
>
> Conceição acrescentou: Vou fazer um cabelinho na minha boneca. Colocar um nome bem bonito para ela ser feliz.
>
> Era interessante ver como as crianças absorviam e replicavam as histórias que acabávamos de discutir. A sala estava cheia de vozes curiosas e a pergunta que mais ecoava era:
>
> "Professora, vamos poder levar para casa, né? Vou mostrar para minha mãe."

O entusiasmo delas era lindo, cada uma carregando consigo não apenas uma boneca de pano, mas também um pedaço da história e da criatividade compartilhada naquele dia. A transformação de Abdias, de resistência à aceitação, parecia um reflexo do poder que a educação e o respeito às escolhas têm em moldar e abrir mentes, afinal como já mencionei as crianças são protagonistas, as crianças compartilham saber e conhecimentos onde ouvir tambem é precioso. Ao final da aula, o brilho nos olhos das crianças era a prova viva de que o aprendizado verdadeiro vai além dos livros – ele se dá na partilha de experiências e no reconhecimento de si mesmos nas histórias que contamos. Cada um tem sua própria história, e ouvi-la se torna um caminho para reconhecer o outro e vê-lo como parte (Fragmento do caderno de campo, Setembro de 2023).

Figura 18 - Explicando a proposta

Fonte: Autora(2024)

Figura 19 - Confecção das bonecas

Fonte: Autora(2024)

Figura 20 - Confecção das roupas

Fonte: Autora(2024)

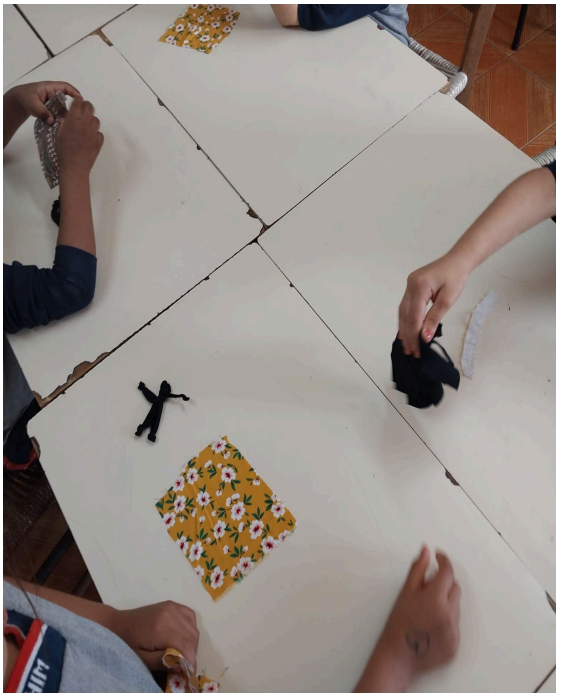
Figura 21 - Processo de montagem

Fonte: Autora(2024)

Figura 22 - Leitura Realizada

Fonte: Autora(2024)

Figura 23 - Processo de montagem



Fonte: Autora(2024)

Figura 24 - Abayomi finalizada

Fonte: Autora (2024)

Ao estudar a história da boneca, vemos o quanto ela é valiosa na luta do povo negro, como um símbolo de resistência. Onde as crianças devem refletir a lenda além de uma história triste. Reconhecer a cultura e a ancestralidade afro como um todo, fomentando o respeito e o quão valiosa tais histórias são.

Bem como dito por Munanga (2012, p.10) “ É preciso que haja a construção de uma verdadeira história que seja capaz de resgatar o que foi destruído pelo racismo, rompendo ideologias coloniais, recuperando a autoimagem e a humanidade das comunidades negras”. É extremamente valioso mostrar a verdadeira história dos negros, rompendo com as negatividades e discriminações impostas. Não se trata de uma única história, mas da história de um povo que participa ativamente do processo e da construção da sociedade.

Além de tudo, as crianças também tiveram contato com a arte e a imaginação, investigando a melhor forma de fazer a boneca. Eu estava lá para mediar, mas cada criança se expressou criando a boneca do seu jeito, ampliando sua visão de mundo, conhecendo diferentes culturas e enriquecendo suas experiências. Ao final, expliquei que seria uma história que deveria ser

compartilhada, e esse momento foi extremamente gratificante. As crianças tiveram um pouco de dificuldade em fazer os nós, mas no geral, tudo correu tranquilo.

Quadro 6 - Prática 4: Esculturas africanas. (Novembro/2023)

Título	Recurso utilizado	Ideia geral	Breve desenvolvimento
Esculturas africanas: “Quem te representa”.	Livros “O pequeno príncipe preto”. “Ei, você! um livro sobre crescer com orgulho de ser negro”.	Representatividade e pertencimento.	Essa proposta se caracteriza na realização de escultura de origens africanas com argila,além de outra atividade para se identificar na escolha de duas imagens expostas na lousa.

Fonte: Construída pela autora.

Novembro, surgiu como um convite à descoberta. A escola estava agitada, eu também estava bem animada. Ao chegar perto das salas já ouvia os pequenos a conversa, “olha lá a profe Tai está vindo”, “oi profe Tai”, “Profe Tai você vai dar oficina hoje”.

Cheguei com antecedência, como de costume. Dessa vez, iríamos trabalhar na biblioteca. Não costumo trabalhar com filas; como uma lei, eles vão se ajudando. Busquei os pequenos na sala e comuniquei: "Hoje vamos trabalhar na biblioteca. Arrumem os amigos, se ajudem, que espero vocês".

O espaço na biblioteca já estava organizado, as mesas arrumadas em um grupo, esperando os pequenos exploradores. Nosso dia estava perfeito, um espaço bem organizado é o começo para uma viagem além da imaginação. As crianças estavam chegando, olhos brilhando de curiosidade, sussurros enchiam o ar. Haviam imagens na lousa e a amada argila sobre as mesas. "Professora Tai, hoje vamos brincar com o barro?" alguém perguntou, sorri e respondi: "Hoje, sim, mas será uma atividade diferente".

Antes mesmo que eu começasse a leitura, as perguntas surgiram, ansiosas com o dia de hoje: "Que imagens são essas?", "O que é isso na lousa?", "O que é isso no pescoço deles?", "O que nós vamos fazer hoje?".

Acalmei a sala, e logo comecei a leitura, desta vez seriam dois livros “O Pequeno Príncipe Preto” de França (2020) e “Ei, Você! um livro sobre crescer com orgulho de ser negro”, Adeola (2022), minha voz se espalhando pela sala como uma melodia suave, levando-os a um tempo e lugar distantes. Era uma história de coragem, resistência, além de muito amor e representatividade. Os olhares fixos nas imagens, as mentes navegando pelas palavras. As crianças olhavam atentamente, absorvendo cada detalhe. Havia algo mágico no ar, uma conexão invisível entre as histórias contadas. O espaço ecoava conhecimento, escoava alegria, esse é o poder da história ancestral. Nessa tarde agitada, convidei as crianças a mergulharem nas releituras de esculturas africanas, moldadas com a argila.

Após a leitura dos livros que nos levaram para longe, enquanto alguns grupos já moldavam suas esculturas. Logo à frente da sala, estavam duas impressões: de um lado, uma escultura africana retirada da internet; do outro, a Monalisa pintura de Leonardo da Vinci para a representação de uma mulher branca, ao meio a pergunta escrita em letras grandes: "Quem te representa?".

Chamei cada criança para frente, uma a uma, e ali, diante das imagens, dei-lhes o poder de escolha. "Qual dessas figuras parece mais com você?", perguntei, deixando que pensassem, sentissem e escolhessem sem imposições. Nos olhares curiosos, nas hesitações e nas escolhas, vi que observavam buscando se reconhecer nas formas e nos traços. Era uma jornada de autodescoberta, através da representatividade, onde buscavam um pedaço de si no papel exposto.

> Comecei com a primeira criança, pedindo que ela olhasse as duas figuras e escolhesse a que achasse mais parecida com ela.
>
> Rosa, vem a frente. Olha aqui, qual você acha que se parece com você?
>
> Essa aqui profe, apontando para a monalisa.
>
> Questionei, mas porque?
>
> Sorrindo responde: ela parece a minha mãe.
>
> Rosa voltou ao seu lugar, continuou a fazer as esculturas e brincar com os colegas.
>
> Prosseguir então a ideia das propostas. Em um momento, chamei outra criança. Fazendo a mesma pergunta: Quem se parece contigo, direcionado para as duas imagens.

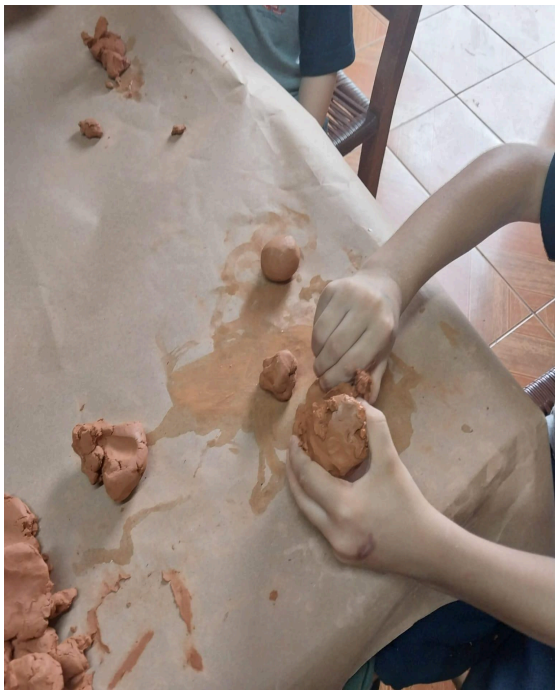
A criança que é branca direciono o dedo a figura da Mona Lisa. Perguntei por que havia escolhido essa figura, e a criança respondeu: "Porque eu sou branco né", com um tom de afirmação e certeza.

Em seguida, chamei uma criança negra, Elza, uma das menores da sala. A criança, que não falava, olhou para as imagens e apontou para a escultura africana, me pediu o livro, se sentou em uma das cadeiras próximas e começou a olhar as imagens.

Nesse mesmo momento, a criança branca que ainda estava na frente, observando a escolha do colega, rebateu: "Sim, porque você (criança negra) é um macaco". Fiquei sem reação. Elza continuou sentada, sem demonstrar reação ao comentário estava folheando o livro observando as imagens e apontava o dedo para as que mais gostava. No momento, fiquei confusa, questionando se minhas propostas estavam causando esse tipo de comportamento.

Chamei a criança que fez o comentário. Por que você disse isso à colega? Inicialmente, não quis responder. Quando perguntei novamente, respondeu: "Não sei". Conversei com ele, explicando que macaco é um animal e que ele não deveria chamar o amigo dessa maneira. Saiu rindo e continuou a brincar. (Fragmento do caderno de campo, Novembro de 2023)

Figura 25 - Modelando a argila

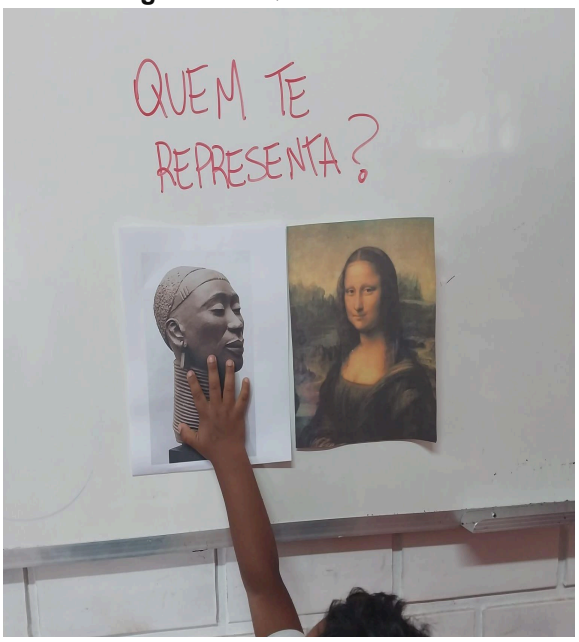


Fonte: Autora(2024)

Figura 26 - Criação

Fonte: Autora(2024)

Figura 27 - Quem sou eu?



Fonte: Autora(2024)

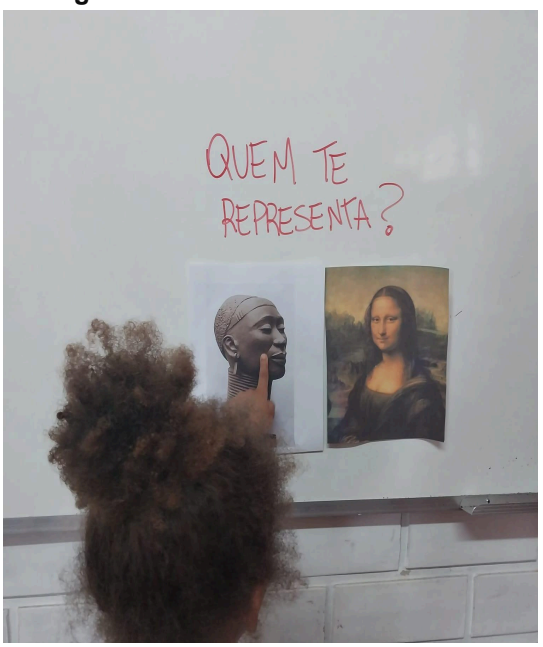
Figura 28 - Exibição das esculturas

Fonte: Autora(2024)

Figura 29 - Escolhas

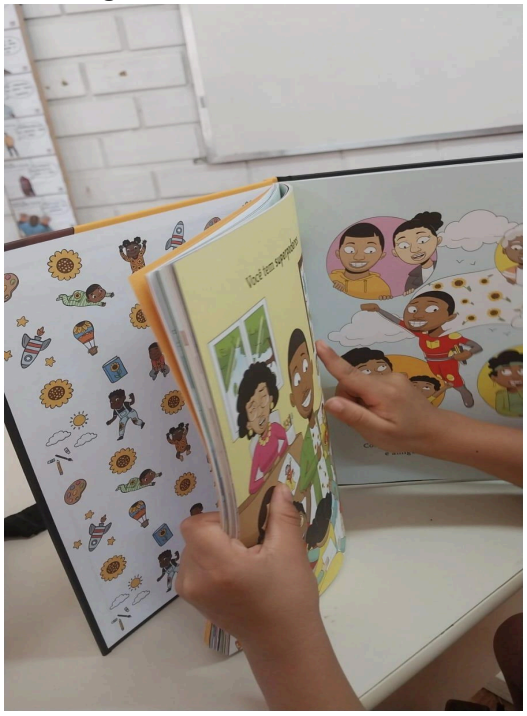
Fonte: Autora(2024)

Figura 30 - Escolhas



Fonte: Autora(2024)

Figura 31 - Reconhecendo-se



Fonte: Autora(2024)

Figura 32 - Observando a leitura

Fonte: Autora(2024)

Figura 33 - Leituras Realizadas

Fonte: Autora (2024)

Senti nesse momento que talvez tenha falhado como professora ali presente. Falar sobre racismo é muito diferente de sentir na pele, não há sentimento, não há reação certa. Me vi pequena como aquela criança que mesmo sem reação merecia

ser protegida e acolhida,doeu em mim, como uma ferida aberta e exposta. Ressalto a partir da afirmação de Santiago (2015) “que o racismo não acontece exatamente na Educação Infantil, mas o ambiente permite que o mesmo se amplie”.

Visto que, quando não buscamos desconstruir os estereótipos enraizados, o racismo se torna algo aceitável e normalizado. Assim como declaro por Gonzales (1984, p. 225).

> A primeira coisa que a gente percebe, nesse papo de racismo, é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por que? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criancice, etc. e tal. Daí, é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gostam de trabalho, sabe? Se não trabalha, é malandro e se é malandro é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente..

Ainda colocado por Gonzales (1984, p. 226):

> Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas... Nem parece preto.

Assim, o racismo continua invisível, como se fosse uma ideia exagerada, algo que é normal, afinal dessa vez era apenas uma criança, mas como essa saberá o que é certo se ela não for corrigida, se ela não tiver exemplos que a mostre que essa perspectiva oprime outros/as. Esse fato demonstra como o racismo está presente até mesmo nas interações mais inocentes das crianças, destacando a relevância de abordarmos essas questões de maneira consciente e constante na educação, não porque temos leis, mas além porque somos seres humanos.

Para além, ressalta-se que a criança branca também desempenha um papel primordial na compreensão racial, na luta para entender que o conceito de beleza e privilégio não se aplica apenas a ela.

Quadro 7- Prática 5: Tranças e resistência afro (Dezembro/2023)

Título	Recurso utilizado	Ideia geral	Breve desenvolvimento
Tranças e resistência afro.	Princesas negras. de Edileuza Penha de Souza e Ariane Celestino Meireles”.	- Histórias das tranças -Cultura e identidade -Beleza expressão a negritude.	Nessa proposta em questão trabalhamos com a ideia das tranças além da estética mas como símbolo de luta e ancestralidade. Tivemos a visita de uma trancista que contou um pouco de toda história das tranças, uma mulher negra que pode compartilhar todo seu conhecimento e ainda tranças os cabelos das crianças, mostrando muita além de um penteado.

Fonte: Construída pela autora (2024).

Em um dia de dezembro, o sol brilhava no céu azul, e o vento dançava suave pelo ambiente. Sob a nossa grande árvore de sempre, estávamos reunidos, me recordei da proposta “O coração de Baobá”. Estar junto ali, era nosso maior tesouro, logo criamos um círculo como de costume para explorar o conhecimento, cercados por livros já conhecidos em aula. O barulho da vizinhança ecoava como uma melodia de agitação, estávamos animados. As crianças chegavam olhando cada objeto ali exposto.

Nessa tarde animada, recebemos a visita especial de uma trancista local, convidada pela professora para compartilhar conosco a história das tranças. As crianças se encantaram com a ideia, meninos e meninas ansiosos para experimentar. "Profe, meu cabelo também dá para trançar!", “Eu também quero”. “Eu conheço ela, é daqui do bairro”.

Acalmei a turma. “ Amigos agora é hora da leitura”. Apanhei um dos livros exposto ao chão, a escolha foi o brilhante “ Princesa Negras” de Souza (2019). Me acomodei ao grupo, começando a interpretar a história. Meus dedos deslizavam pelas folhas em cada uma delas a imaginação era renovada. As folhas viajavam transpassando as ilustrações que roubavam a atenção dos pequenos como se estivesse dentro da história. Mas, a pergunta que não calou: “Quando vamos fazer as tranças”.

Nesse cenário de aprendizado, após narrativas potentes em relação a história das tranças. Realizamos um sorteio, a fim de uma escolha justa. Era evidente o brilho do olhar, a viagem através do imaginário buscando descobrir como seria feito cada cabelo. A turma estava agitada, eram muitas as perguntas. Então o processo começou, as crianças descobriram o valor cultural das tranças, a resistência negra em cada fio entrelaçado. Testemunharam o real processo, transformando o momento em uma bela memória positiva e única para todos. No decorrer da proposta as narrativas se mostram presentes:

> Eu não sabia que as tranças podem ser mapas. Eles levavam comida também". Amigo: "Não, eram sementes para plantar depois".
>
> Em seguida, sorteamos uma das crianças, que chamaremos de "Princesa", pois foi assim que ela se sentiu após trançar os cabelos. Ela veio toda sorridente.
>
> Trancista: "Pode sentar aqui. Você quer qual cor?" Princesa: "Roxo, roxo."
>
> Então, a trancista começou a dividir o cabelo, fazendo uma trança de cada lado. Durante o processo, a menina ficava sempre tocando nos cabelos para ver como estavam.
>
> Princesa: "Nossa, ficaram grandes, né?"
>
> Ela ficou quietinha até o cabelo todo ser trançado. Notei uma certa ansiedade, pois ela não queria se alimentar com as outras crianças, com medo que a trancista fosse embora.
>
> Princesa: "Não vou levantar, profe. Vai que sua amiga vai embora". Respondi: "Pode deixar, trago a comida para você aqui".
>
> Quando terminamos, levantei Princesa da cadeira “Nós podemos ir agora, olha já acabou”. Levantou com mão nos cabelos, não tirou a mão nem por um minuto. A levei até o espelho do banheiro. Ela parou, se olhou, e deu uma risadinha.
>
> Perguntei: "E aí, gostou?" Princesa: "Gostei muito. Estou uma princesa". Rebati sorrindo: "Você está sim!"
>
> Ela voltou à sala. Os olhares dos amigos, nossa! Ela parecia deslumbrante.
>
> Quando voltei na semana seguinte, Princesa, ainda estava com as tranças e acredito que não tinha a mínima intenção de tirá-las. Ao me ver ela disse “ Profe, traz sua amiga, a das tranças quero fazer de novo”. Essa fala aconteceu mais de uma vez. Ela estava feliz, brilhando em vida.
> (Fragmento do caderno de campo, Dezembro de 2023)

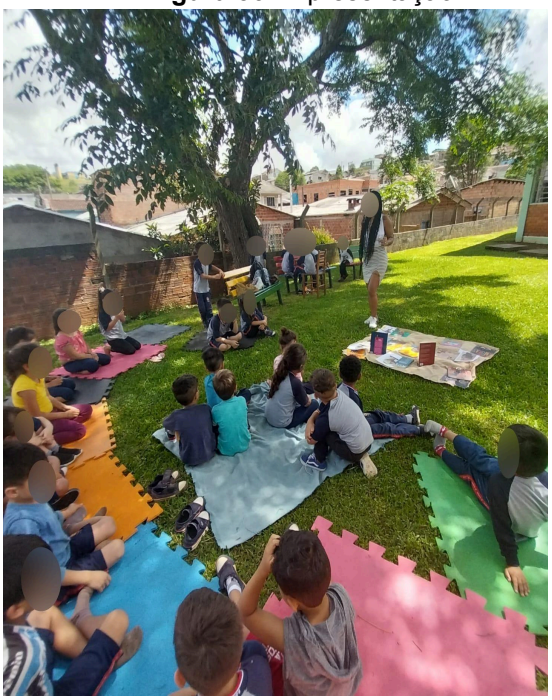
Figura 34 - Roda de conversa

Fonte: Autora(2024)

Figura 35 - Contação de história

Fonte: Autora(2024)

Figura 36 - Apresentação



Fonte: Autora(2024)

Figura 37 - Momento das tranças

Fonte: Autora(2024)

Figura 38 - Trança finalizada

Fonte: Autora(2024)

Figura 39 - Espaço organizado para a proposta

Fonte: Autora(2024)

Desta forma, no contexto dessa prática, a turma teve a oportunidade de aprofundar seus entendimentos sobre a cultura das tranças, indo além de um penteado ou uma mudança de aparência. Mas como uma história de pertencimento e resistência. Referente a relatos históricos que mostram que mulheres escravizadas trançaram seus cabelos de maneiras específicas para criar mapas improvisados e esconder sementes, que podiam ser plantadas mais tarde para produzir alimentos.

Esses mapas ajudaram na fuga da opressão dos senhores. As tranças indicavam caminhos e direções para chegar aos quilombos, onde buscavam refúgio, liberdade e paz.

Tais relatos destacam que as tranças não são apenas um adorno estético, mas têm um profundo significado cultural e histórico. Além disso, divincula a beleza vista em um único padrão, trazendo de volta às crianças negras seu empoderamento estético e orgulho da sua imagem. A beleza que se diz “padrão” estipulado por um único grupo é a mesma que segrega e exclui, Gomes (2017).

Assim, concluo as práticas com uma foto de um momento valioso que merece ser guardado e registrado. Nessa ocasião especial, uma criança que também é negra costumava vir sempre com um penteado específico e frequentemente comentava sobre meu cabelo. Um dia, decidi surpreendê-la e fui para a escola com o mesmo penteado que ela. A criança não desgrudou e passou a informação para toda a sala. Acreditei que ela poderia se sentir representada, que esse momento pudesse marcar sua vida de forma positiva, assim como marcou a minha.

O afeto se torna revolucionário, rompe estereótipos, mostrando que o amor ao se colocar no lugar do outro, transpassa os muros da escola, esse amor está dentro de cada um.

Figura 40 - Representatividade

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS, PORÉM NEM TÃO FINAIS: REENCONTROS, AFETOS E LUTAS.

O colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada. Uma ferida que dói sempre, por vezes infecta, e outras vezes sangra (Kilomba 2020). É fundamental promover uma educação que acolha todas as crianças, independentemente de sua cor, garantindo às comunidades negras o direito de viver suas próprias histórias e de serem ouvidas. Além disso, pensar na formação continuada de professores comprometidos se torna uma ferramenta importante para uma transformação social visto que é na escola que as crianças passam a maioria do seu tempo.

> Vocês, professoras e professores, por favor, observem seriamente os comportamentos na sala de aula entre vocês e seus alunos e suas alunas, negras e negros, entre vocês e seus alunos e suas alunas, brancos e brancas, os comportamentos entre alunos negros e alunos brancos, os comportamentos entre os alunos negros entre si. Creio que além dos preconceitos inegáveis, vocês poderão descobrir alguns comportamentos comuns a todos os alunos negros que podemos considerar como uma característica de sua identidade psicológica coletiva (Munanga, 2012 p.11-12).

É primordial a mediação atenta dos educadores além de reflexões sobre as dinâmicas raciais na sala de aula. Agindo assim, poderão não apenas identificar e combater preconceitos, mas também compreender melhor as características e necessidades de seus alunos, especialmente daqueles que pertencem a grupos historicamente marginalizados.

Revelo assim, que as praticas apresentadas serviram como base e para trabalhar a educação antirracista. Ao abranger diferentes conhecimentos, romper hierarquias acima de um único poder e ainda colaborar com a formação de leitores e professores ao expor as atividades e literaturas utilizadas, entre outras questões colocadas ao longo do trabalho.

É necessário abordar as relações étnico-raciais de forma completa, promovendo o empoderamento infantil de maneira ampla. Isso pode ser feito a partir das próprias crianças, que são ouvintes e produtoras de suas próprias culturas e precisam ser ouvidas e respeitadas. O silêncio, o afastamento e a agressividade são

pedidos de socorro, como se dissessem: "Olha, eu estou aqui, não sou forte como pensam, não mereço viver esse sofrimento".

As pedagogias precisam se preocupar em não reproduzir preconceitos da sociedade, na produção de uma infância branqueadora. O sofrimento vivido rouba a vitalidade e a alegria em vivenciar a infância em crianças negras. As experiências de discriminação levam a criança a internalizar ideias negativas sobre si mesma e sobre o lugar que ocupa na sociedade.

A possibilidade de as crianças receberem uma educação igualitária desde os primeiros anos escolares é um compromisso da escola, da família e de toda a sociedade. Isso inclui o ensino antirracista, que ainda não é uma prioridade, deixando as crianças vulneráveis aos preconceitos e estereótipos do cotidiano. Como escreveu Cavalleiro (1999):

> A escola oferece aos alunos, brancos e negros, oportunidades diferentes para se sentirem aceitos, respeitados e positivamente participantes da vida escolar e da sociedade brasileira. A origem étnica condiciona um tratamento diferenciado na escola. Não há como negar que o preconceito e a discriminação constituem um problema que afeta em maior grau a criança negra, visto que ela sofre direta e cotidianamente humilhações, maus-tratos, agressões e injustiças que afetam a sua infância e comprometem todo o seu desenvolvimento futuro (Cavalleiro, 1999, p. 47).

A escola configura-se como ambiente formal responsável pela construção e ampliação dos conhecimentos, mas é preciso refletir a partir de quais conhecimentos as instituições trabalham, o que tem feito para o amparo às crianças negras na sociedade racista que vivemos. As práticas estão além de uma implementação de conteúdos não são somente um projeto específico em uma data específica, para compor uma programação.

A lei 10.639/03 define o ensino de história e cultura afro em todos os espaços da educação, na creche até o ensino superior, se relacionado com o ano letivo completo do início ao fim. Aleḿ disso, a formação contínua crítica e sólida a respeito da temática será capaz de oferecer ferramentas afim de auxiliar no processo de identidade. Onde tais praticas se tornam ferramenta de empoderamento, aceitação, pertencimento além de praticas que potencializam a cultura e verdadeira história do povo negro.

> Os estudos decoloniais buscam criticar a base epistemológica marcadamente eurocentrada, visando à transformação social e criação de poder, saber e ser diferentes, construídos pelo olhar dos subalternos. Para tanto, ressalta a necessidade de abordar de forma aprofundada nos currículos escolares a importância de outras culturas, bem como suas contribuições históricas (Frutuoso, 2018, p.11).

Cada criança possui características e realidades únicas, o que requer abordagens e estratégias pedagógicas personalizadas, as crianças são produtoras de sua própria cultura que precisam ser compartilhadas. Como escrito por Santiago (2015, p. 133), “as crianças participam ativamente na sociedade, interagindo com outras pessoas e ajudando a moldar o mundo ao seu redor, criam suas próprias culturas e dão novos significados através das trocas interpessoais”.

A representatividade negra é fundamental na elaboração dessas propostas, proporcionando visibilidade positiva às crianças negras ao se verem refletidas nas histórias, imagens e personagens com os quais interagem. Para as crianças não negras, isso oferece a oportunidade de conhecer e respeitar o outro, apreciando as contribuições positivas apresentadas nas histórias, imagens e práticas. Ao incluir essas propostas nas instituições de ensino, o ensino transcende os ambientes escolares.

As propostas devem ser consistentes ao longo do tempo. Tal como, se das cinco leituras feitas durante a semana com as turmas, pelo menos três abordarem a cultura afro, já é um passo importante na direção certa, não é algo mirabolante. Confesso que tal pesquisa me atravessou profundamente, tanto como pessoa quanto como alguém que, na infância, não se sentia compreendida e foi afastada de tudo que desejava .

Em minha infância, frequentemente me percebia como "diferente" das outras crianças, ou seja, uma criança não branca, que nunca conseguiu se ver representada em contos ou propostas educacionais, nas histórias eu também queria ser a princesa. Ter uma professora que me mostrasse que eu também era importante, existente e preciosa teria sido extremamente valioso.

Agora, vejo-me capaz de oferecer um pouco de conforto às crianças que, assim como eu no passado, estão em busca de identidade e reconhecimento. É gratificante proporcionar a elas um ambiente onde se sintam acolhidas e

valorizadas, e onde possam se ver representadas e compreendidas. A luta por uma educação de qualidade e antirracista parce não ter fim, mas persiste a esperança de que um dia não será mais necessário lutar.

> Entendendo que a incompletude dos seres e seus saberes é uma marca indelével da nossa humanidade, é possível depreender que a aprendizagem e a transformação é uma condição humana. E, na defesa dessa forma, levaeira de uma educação menor, pautada nas miudezas dos cotidianos (Araújo, 2023, p 356).

Desta forma, espero que tal pesquisa desenvolvida seja útil e auxilie pesquisas futuras. Destaco ainda, que meu trabalho não é totalmente inédito, mas oferece novas ideias e pontos de vista que podem ser úteis para futuros pesquisadores. Além disso, meu objetivo é que não seja apenas algo para o ambiente acadêmico, mas também que seja entendido como um guia útil para qualquer pessoa, como algo essencial para ser ouvido e compreendido, até mesmo como uma espécie de "cartilha da rua".

6. CÉU POÉTICO: ASSIM, DESTINADO ESSE PROCESSO AQUELES QUE ME FIZERAM VIVA, AOS QUE DEDICO TODA MINHA FORÇA E LUTA: AS CRIANÇAS

Pensei um dia que eu poderia voar voar, voar igual um passarinho.
Voar sobre todas as nuvens e nunca me sentir sozinho.
Pensei também em me livrar dessas algemas e gaiolas que me prendem impedindo minha liberdade, mascarando minha verdade, minha identidade.
Pensei um dia que eu poderia voar, voar igual um passarinho.
Mas para onde eu iria? o céu é tão grande com tantos lugares que às vezes sair daqui parece não ser de verdade.
Eu penso em um mundo ideal onde nada fosse igual. Assim não seria tão chato e eu me sentiria normal no final.
Meu desejo é ser como eu sou
Ser visto além do meu interior
E por onde eu passar
Quero me sentir aceito quase sem defeitos
Imagina eu, um pássaro perfeito? Realizar todos meus desejos
Enfrentados todos os medos
Inteiro, nunca metade .
Mas será que isso pode ser verdade?
E assim continuo a pensar: Imaginar.
Educar é mais do que amar
Educar é libertar
Pensei um dia que eu poderia voar, voar, voar igual a um passarinho,
tendo a certeza que nunca mais me sentiria sozinho.
Vá em frente meus passarinhos
Eu espero vê-los com asas grandes
Eu espero que assim como eu, nunca se esqueçam de sonhar.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Libros tecnicos e cientificos editora, 1981.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das letras, 2022.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação popular.** 1986.

BRASIL. SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.** Ministério da Educação, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2004.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1990.

BARBOSA, Analedy Amorim; MARIA DAS GRAÇAS, S. **A concepção de infância na visão Philippe Ariès e sua relação com as políticas públicas para a infância.** EXAMPAKU (revista descontinuada), v. 1, n. 1, 2008.

CELLARD, André. Análise Documental. In. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção Sociologia). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1932953/mod_resource/content/1/CELLARD%2C%20Andr%C3%A9_An%C3%A1lise%20documental.pdf.

DE ARAUJO, Cinthia Monteiro; DOS SANTOS, Pedro Vitor Coutinho. **"Então minha aula já é decolonial e antirracista?!?":** Potências miúdas e formação em rede no ProfHistória. Revista História Hoje, v. 12, n. 26, 2023.

DE PINHO, Carolina Santos Barroso. **A construção de uma pedagogia antirracista como estratégia revolucionária.** Pesquisas e pedagogias: educação para as diferenças, p. 31, 2020.

DOS SANTOS CAVALLEIRO, Eliane. O Processo de Socialização na Educação Infantil: A Construção do Silêncio e da Submissão. Journal of Human Growth and Development, v. 9, n. 2, 1999.

EVARISTO, **Conceição. A escrevivência e seus subtextos. Escrevivência: a escrita de nós:** reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, v. 1, p. 26-46, 2020.

FRANÇA, Rodrigo. **O pequeno príncipe preto**. Nova Fronteira, 2020.

Florestan,Fernandes,**Ensaios de sociologia geral e aplicada** Liv.Pioneira Ed. São Paulo.1960,pp.415-441.

FRUTUOSO, Paula Keller; LIMA, F. da S. APRENDENDO PARA TRANSGREDIR: a pedagogia engajada de bell hooks como estratégia para o cumprimento da lei n. 10.639/03 nas instituições de ensino. **Koan: Revista de Educação e Complexidade**, n. 6, p. 09-25, 2018.

GATTI, Bernadete Angelina. A construção metodológica da pesquisa em educação: desafios. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 28, n. 1, 2012.

GOMES, Izaú Veras. EDUCAÇÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: NARRATIVAS ESTUDANTIS NEGRAS. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 13, n. 36, p. 573-600, 2021.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** Autêntica Editora, 2019.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e pesquisa, v. 29, p. 167-182, 2003.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** Revista de ciências sociais hoje, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

MARQUES, Eugenia Portela de Siqueira. **O acesso à educação superior e o fortalecimento da identidade negra.** Revista Brasileira de Educação, v. 23, p. e230098, 2018.

MEIRELES, Ariane Celestino; DE SOUZA, Edileuza Penha. **Princesas negras**. Malê Mirim, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: **o desafio da pesquisa social. In: Pesquisa Social: teoria método e criatividade.** Org. Minayo, M. C. 23 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso?. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 4, n. 8, p. 06-14, 2012.

NUNES, Davi. **Bucala: a pequena princesa do quilombo do Cabula**. Editora Uirapuru, 2015.

SANTOS, Elisabete Figueroa dos. **Das margens, escritos negros: relações entre literatura periférica e identidade negra.** 2015.

SANTIAGO, Flávio. Gritos sem palavras: resistências das crianças pequenininhas negras frente ao racismo. **Educação em Revista**, v. 31, p. 129-153, 2015.

SANTIAGO, Flávio. Creche e racismo. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 2, p. 441-460, 2015.

SILVA, Anderson Vicente; SILVA, Kalina Vanderlei. Etnografia na educação: **contribuições metodológicas na compreensão da realidade educacional.** Revista Eletrônica Interações Sociais, v. 5, n. 2, 2021.

SILVA,Taina. Caderno de campo.2024.**Caderno produzido na disciplina Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul.**

THIOLLENT, Michel Jean Marie; COLETTE, Maria Madalena. Pesquisa-ação, formação de professores e diversidade. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 36, n. 2, p. 207-216, 2014.